

VANESSA MARTINS VIANA

**RELATOS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA SUPERVISORA  
ENVOLVIDA COM O PROGRAMA PIBID NA ESCOLA**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2015

VANESSA MARTINS VIANA

**RELATOS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA SUPERVISORA  
ENVOLVIDA COM O PROGRAMA PIBID NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2015

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo relatar as experiências de uma professora de Educação Física envolvida com o projeto PIBID Educação Física, na função de supervisora de bolsistas da Escola Estadual Pedro II, buscando conhecer e compreender a sua formação; suas experiências e postura como professora; seus questionamentos e opiniões sobre a formação de professores; e as suas ações frente ao projeto PIBID Educação Física desenvolvido na escola. O PIBID é um programa financiado pela CAPES desde 2007 e seus principais objetivos são o incentivo e valorização do magistério e o aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica. Para este estudo utilizei a metodologia do estudo de caso, que se constituiu através de entrevistas semi estruturadas que foram gravadas e transcritas, observações no campo de trabalho, diálogo e discussões, análise de documentos do programa PIBID. A pesquisa permitiu compreender e refletir que a formação docente é construída e assegurada pelo envolvimento do próprio formando com o trato dos conteúdos em relação à prática, as suas escolhas, suas experiências ao longo dos anos e a consciência de que a tarefa de ser professor não está dissociada de questões do trato com corpo escolar em meio a outras demandas que compõem este ambiente. Através do relato da professora Cristiane Guieiro foi possível perceber que o seu trabalho é estruturado e fundamentado não somente baseado na sua formação acadêmica, mas em experiências escolares anteriores de cunho pedagógico, a própria prática, e a reflexão e entendimento em tratar seus conteúdos de maneira que faça sentido e relação com a vida dos alunos. De modo que sua aula seja capaz de criar o senso mais investigativo e crítico. Com base no estudo e nos dados adquiridos percebe-se que a construção da formação docente carece de um investimento prático maior, no qual os alunos possam experimentar melhor a prática com um tempo que seja suficiente para refletir e discutir sobre essa experiência.

**Palavras-chave:** PIBID. Formação de professores. Experiências. Formação Docente. Educação Física.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2.1</b>	<b>O programa institucional de bolsas de iniciação à docência.....</b>	<b>7</b>
<b>2.2</b>	<b>PIBID na UFMG.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3</b>	<b>O subprojeto educação física do PIBID/FAE/UFMG.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<b>Entrevista.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2</b>	<b>Observações.....</b>	<b>19</b>
<b>3.3</b>	<b>Análise documental.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>RELATO DA PROFESSORA CRISTIANE GUIEIRO SUPERVISORA DO PROJETO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1</b>	<b>Período de formação (infância, juventude, anos iniciais na EF escolar e a formação superior).....</b>	<b>21</b>
<b>4.1.1</b>	<b>A infância e início da educação básica.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Período da educação básica e as experiências relacionadas a fase de formação.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1.3</b>	<b>A entrada no curso de educação física.....</b>	<b>24</b>
<b>4.1.4</b>	<b>Os impactos após a inserção acadêmica e suas indignações.....</b>	<b>25</b>
<b>4.2</b>	<b>Atuação na área da educação física (pós formação até o atual momento).....</b>	<b>29</b>
<b>4.2.1</b>	<b>Pós- formação.....</b>	<b>29</b>
<b>4.2.2</b>	<b>As críticas à formação acadêmica, e sugestões à formação docente.....</b>	<b>31</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Estrutura e avaliação das aulas de educação física.....</b>	<b>35</b>

<b>4.3</b>	<b>Participação e atuação da professora Cristiane Guieiro no PIBID.....</b>	<b>39</b>
<b>4.3.1</b>	<b>As vantagens que os bolsistas adquirem com a participação e inserção no projeto PIBID educação física.....</b>	<b>39</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Problemas recorrentes na atuação dos bolsistas nas aulas.....</b>	<b>41</b>
<b>4.3.3</b>	<b>As reuniões semanais na FAE e críticas feitas em relação ao envolvimento dos bolsistas.....</b>	<b>45</b>
<b>4.3.4</b>	<b>O que falta no programa e as sugestões ao projeto.....</b>	<b>47</b>
<b>4.3.5</b>	<b>Reflexões sobre a valorização da licenciatura e do projeto PIBID.....</b>	<b>48</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Conhecer é desvendar, na intimidade do real, a intimidade de nosso próprio ser, que cresce justamente porque a nossa ignorância vai se dissipando diante das perguntas e respostas construídas por nós, enquanto sujeitos entregues ao conhecimento, como dependência da compreensão de nosso ser no mundo. (GHEDIN, p.162-163)

A partir de minhas experiências na educação básica, surgiu o interesse em ser professora, diferentemente de muitos, as minhas lembranças e vivências não são tão boas assim, exceto um ou outro momento que marcaram a minha trajetória positivamente. Passei por dificuldade no período de ensino e aprendizagem com professores que na maioria das vezes negligenciaram o ensino. Talvez fosse nesta percepção que me fez optar por essa escolha ~~ser~~ professora+ na expectativa de poder acrescentar e influenciar na vida de alunos que merecem uma boa formação. E a escolha pela Educação Física me trouxe desafios, mas não desisti do conhecimento, e segui com a graduação na Universidade Federal de Minas Gerais. Devido a pouca experiência com a área, desde o início da formação procurava propostas e projetos, com objetivo de uma participação com a prática docente ainda em curso.

Desde o primeiro período me envolvi com projetos promovidos pelo grupo Programa de Educação Tutorial (PET)- Educação Física e Lazer, mas queria conhecer o meio escolar de forma prática e problematizada como ele é, e experimentar o conhecimento adquirido na formação dentro de uma escola. E no início do quarto período surgiu a oportunidade de me inserir no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), sendo uma das primeiras bolsistas, porque o programa iniciou na área da Educação Física no segundo semestre de 2012, e o professor José Angelo Gariglio como coordenador de área. O programa tem o objetivo principal de proporcionar aos bolsistas a iniciação à docência no ambiente escolar através de lecionar aulas, acompanhamento de aulas, produção de registros das práticas e discussões. A minha participação foi na Escola Municipal Aurélio Pires (EMAP) no acompanhamento da professora Brenda Rios juntamente com outros bolsistas.

A permanência de dois anos no programa me atribuiu um aprendizado significativo e pude compreender e ressignificar conceitos já adquirido a respeito da Educação

Física na escola. E se tratando de formação de professores, entendo que o trato com o conhecimento na instituição escolar e as demandas que este universo exige é preciso experimentar, vivenciar a prática de forma mais próxima possível de sua realidade. Além de buscar discutir e compreender questões que surgem e ultrapassam o trato com o conhecimento.

A partir de minhas experiências durante o programa e minhas reflexões escolhi tratar a temática que tem o objetivo de relatar neste trabalho as experiências da professora Cristiane Guieiro, supervisora do projeto PIBID-Educação Física da Escola Estadual Pedro II, e apresentar as suas principais considerações em relação ao programa e a formação docente.

Espero que este trabalho desperte questionamentos sobre a formação, a busca por uma qualificação que seja além dos conteúdos tratados em sala, e que os licenciados e professores reflitam cada vez mais sobre os problemas pertinentes a docência.

## 2 INTRODUÇÃO

Mas também se pode compreender a experiência, não como um processo fundado na repetição de situações e sobre o controle progressivo dos fatos, mas sobre a intensidade e a significação de uma situação vivida por um indivíduo. (TARDIF; LESSARD, p.51)

O trabalho tem como objeto a experiência de uma Professora de Educação Física em sua atuação como Supervisora de Bolsistas do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, desenvolvido na UFMG.

A partir dessa experiência, podemos refletir sobre a formação de professores em Educação Física, preocupando-se com sua futura inserção na escola frente às demandas que esta a instituição apresenta.

A princípio será mencionado o que é o programa PIBID, como ele se constituiu, qual seu principal objetivo, como ele se caracteriza na área da Educação Física, e posteriormente será apresentado o relato da professora supervisora do projeto de uma das escolas, no qual relatará a sua experiência como professora, como foi a sua formação, e suas principais considerações a cerca da formação acadêmica e sobre a sua participação como professora vinculada ao projeto. E apresentarei a influência que o programa PIBID pode agregar e complementar na formação dos estudantes do curso de licenciatura, a partir das experiências, questionamentos e considerações da professora vinculada ao projeto.

### 2.1 O programa institucional de bolsas de iniciação à docência

Apresentar o PIBID e informar como o programa se constituiu é preciso passar pelas suas ramificações desde quando ele surgiu, a sua representação e atuação no Brasil, PIBID na FaE/UFMG até chegar ao subprojeto da área da Educação Física.

O PIBID é vinculado a Diretoria de Educação Básica Presencial- DEB- da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES criada em meados de 2007 que tem como finalidade duas linhas de ação: na indução e no apoio logístico e financeiro à formação inicial de professores para a Educação

Básica; no fomento a projetos de estudos, pesquisas e inovação que contribuam para a qualificação e valorização do magistério da educação básica.

O relatório de gestão da DEB apresenta que os programas que são desenvolvidos por sua gestão são baseados no respeito à autonomia das universidades; no diálogo com as instituições parceiras; na responsabilidade compartilhada entre os envolvidos; na inovação e a novas ideias; ao aperfeiçoamento dos processos; na disseminação das boas práticas e do conhecimento produzido.

Assim como os demais programas da DEB, o Pibid insere-se em uma matriz educacional que articula três vertentes: formação de qualidade; integração entre pós-graduação, formação de professores e escola básica; e produção de conhecimento. Na base de cada ação da DEB está o compromisso da CAPES de valorizar o magistério da educação básica. (BRASIL, 2014).

Como política pública o PIBID visa atender a demanda da educação básica, envolvendo a comunidade escolar e universidade de maneira que estabelece uma relação entre a docência e a pesquisa. De acordo com Brasil<sup>1</sup>, (2012 *apud* DAVILLA; COELHO, 2013) os dados do Ministério da Educação, o PIBID funciona da seguinte forma:

Instituições de Educação Superior interessadas em participar do Pibid devem apresentar à Capes seus projetos de iniciação à docência conforme os editais de seleção publicados. Podem se candidatar IES públicas, comunitárias, confessionais e filantrópicas sem fins lucrativos que oferecem cursos de licenciatura. As instituições aprovadas pela Capes recebem cotas de bolsas e recursos de custeio e capital para o desenvolvimento das atividades do projeto. Os bolsistas do PIBID são escolhidos por meio de seleções promovidas por cada IES. (BRASIL, 2012).

A seguir, o entendimento do programa PIBID apresentado pelo Relatório de Gestão 2009-2011 da Diretoria de Educação Básica Presencial (DEB).

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência . Pibid é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica.

---

<sup>1</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior . CAPES. Diretoria de Educação Básica Presencial . DEB. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: Edital CAPES/DEB n. 02/2009**. Brasília, 2009. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital02\\_PIBID2009.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital02_PIBID2009.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2014.

O Pibid oferece bolsas para que alunos de licenciatura exerçam atividades pedagógicas em escolas públicas de educação básica, contribuindo para a integração entre teoria e prática, para a aproximação entre universidades e escolas e para a melhoria de qualidade da educação brasileira. Para assegurar os resultados educacionais, os bolsistas são orientados por coordenadores de área . docentes das licenciaturas - e por supervisores - docentes das escolas públicas onde exercem suas atividades. O diálogo e a interação entre licenciandos, coordenadores e supervisores geram um movimento dinâmico e virtuoso de formação recíproca e crescimento contínuo. (BRASIL, 2014).

A princípio o programa priorizava seu trabalho ao ensino médio em apenas quatro áreas e com o tempo se expandiu aos demais níveis da educação básica:

Ao ser lançado, em 2007, a prioridade de atendimento do Pibid eram as áreas de Física, Química, Biologia e Matemática para o ensino médio, dada a carência de professores nessas disciplinas. No entanto, com os primeiros resultados positivos, as políticas de valorização do magistério e o crescimento da demanda, a partir de 2009, o programa passou atender a toda a Educação Básica, incluindo educação de jovens e adultos, indígenas, campo e quilombolas. Atualmente, a definição dos níveis a serem atendidos e a prioridade das áreas cabem às instituições participantes, verificada a necessidade educacional e social do local ou da região. (BRASIL, 2014).

PIBID apresenta uma proposta diferente dos estágios obrigatórios dos cursos de licenciatura, embora tenha aspectos semelhantes. Sua proposta:

O Pibid se diferencia do estágio supervisionado por ser uma proposta extracurricular, com carga horária maior que a estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação -CNE para o estágio e por acolher bolsistas desde o primeiro semestre letivo, se assim definirem as IES em seu projeto. A inserção no cotidiano das escolas deve ser orgânica e não de caráter de observação, como muitas vezes acontece no estágio. A vivência de múltiplos aspectos pedagógicos das escolas é essencial ao bolsista. (BRASIL, 2014).

Os princípios pedagógicos que constitui o PIBID estão de acordo com os estudos de Nóvoa (2009) que remete a formação e desenvolvimento profissional de professores e sendo eles:

1. formação de professores referenciada no trabalho na escola e na vivência de casos concretos;
2. formação de professores realizada com a combinação do conhecimento teórico e metodológico dos professores das instituições de ensino superior e o conhecimento prático e vivencial dos professores das escolas públicas;

3. formação de professores atenta às múltiplas facetas do cotidiano da escola e à investigação e à pesquisa que levam à resolução de situações e à inovação na educação;
4. formação de professores realizada com diálogo e trabalho coletivo, realçando a responsabilidade social da profissão (NEVES, 2012).

Com base nos princípios citados acima, o PIBID tem como objetivo:

- I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II - contribuir para a valorização do magistério;
- III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensinoaprendizagem;
- V - incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como cofomadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e
- VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (BRASIL, 2014).

E quais são participantes do programa? Quem pode se ingressar neste projeto?

Na configuração atual, podem participar do Pibid instituições públicas de ensino superior . federais, estaduais e municipais - e instituições comunitárias, confessionais e filantrópicas, privadas sem fins lucrativos, participantes de programas estratégicos do MEC, como o REUNI, o ENADE, o Plano Nacional de Formação para o Magistério da Educação Básica . Parfor e UAB. Os editais definem as instituições que podem participar em cada edição.

Os bolsistas de iniciação à docência são alunos matriculados em cursos de licenciatura das instituições participantes e são o foco do Pibid.

Os orientadores: Além dos alunos de licenciaturas, a equipe do projeto é composta por educadores que orientam os licenciandos no seu processo de formação, seja na IES, seja na escola pública onde exercem a prática. Os educadores podem atuar como:

- Coordenador institucional: docente responsável pela coordenação do projeto no âmbito da IES e interlocutor da CAPES;
- Coordenadores de área: docentes das IES responsáveis pela coordenação e desenvolvimento dos subprojetos, nas áreas de conhecimento que participam do programa. Em IES com elevado número de bolsistas, podem ser definidos coordenadores de área de gestão de processos educacionais, que atuam como coordenador adjunto, apoiando o coordenador institucional para garantir a qualidade do projeto e o bom atendimento aos bolsistas;
- Supervisores: professores das escolas públicas onde acontece a prática docente designados para acompanharem os bolsistas de iniciação à docência.

Com a credibilidade alcançada pelo Pibid, tem sido registrada a participação de inúmeros colaboradores . ex-bolsistas de iniciação e professores das IES e das escolas públicas, inclusive diretores e coordenadores pedagógicos que, mesmo sem bolsa, participam de atividades formadoras planejadas pelas instituições.

Alguns depoimentos de coordenadores, supervisores e bolsistas foram registrados apontando os maiores impactos a partir do envolvimento com PIBID. Dados fornecidos pelas próprias IES:

Do ponto de vista dos coordenadores de área:

- a) motivação e oportunidade de formação continuada e de desenvolvimento profissional;
- b) elevação da auto-estima e reconhecimento entre os pares;
- c) diálogo com as escolas onde os futuros professores trabalharão;
- d) adoção de novas linguagens e tecnologias da informação e da comunicação e incentivo à inovação na formação de professores;

e) produção, publicação e apresentação de artigos científicos sobre formação de professores.

Do ponto de vista dos supervisores:

- a) motivação e oportunidade de formação continuada e de desenvolvimento profissional;
- b) incentivo à continuidade de estudos: matrícula de supervisores em cursos de especialização, mestrado profissional e outros;
- c) elevação da auto-estima e reconhecimento entre os pares;
- d) diálogo com as instituições formadoras;
- e) renovação da prática pedagógica no cotidiano das escolas.

Do ponto de vista dos bolsistas de iniciação à docência:

- a) formação contextualizada e comprometida com o alcance de resultados educacionais;
- b) melhoria no desempenho acadêmico;
- c) descoberta do espaço de autonomia que o professor tem na escola;
- d) adoção de atitudes inovadoras e criativas;
- e) definição pelo exercício do magistério por parte de alunos que fizeram licenciatura como opção secundária;
- f) aprovação de ex-bolsistas em concursos públicos, em cursos de especialização e em mestrados;
- g) contratação de ex-bolsistas pela direção das escolas onde atuaram;
- h) produção de jogos didáticos, apostilas, objetos de aprendizagem e outros produtos educacionais;
- i) crescente participação de trabalhos de bolsistas do Pibid em eventos acadêmicos e científicos no país e no exterior;
- j) adoção de linguagens e tecnologias da informação e da comunicação no cotidiano da escola e da própria formação (uso de ferramentas como Google Maps, abertura de laboratórios de Ciências e Informática então fechados nas escolas, etc.).

Os registros que foram apresentados sobre o programa contextualizam de maneira objetiva a finalidade que o PIBID oferece à comunidade universitária, e o reflexo de

um trabalho projetado a partir da iniciação a docência no processo de formação, na expectativa de um docente mais qualificado.

## **2.2 PIBID NA UFMG**

Algumas informações sobre o PIBID na UFMG foram coletadas no manual do PIBID 2012/2013 e no site oficial do PIBID/FAE/UFMG, além de meu conhecimento a respeito do programa.

O PIBID foi implementado em nível nacional através do edital MEC/CAPES/FNDE, em 2007 e nesse edital o PIBID/FAE/UFMG teve como atuação inicial nas áreas de Matemática, Química, Física e Biologia. A partir dos editais de 2010 e 2012, o programa cresceu e hoje presente em 21 subprojetos, sendo incluídas as áreas de Pedagogia (EJA e Séries Iniciais), Pedagogia (Coordenação Pedagógica), Pedagogia (Educação Infantil), Artes Integradas, Teatro, Sociologia, História, Geografia, Licenciatura do Campo, Educação Indígena, Educação Física, Música, Dança, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Artes Visuais. O projeto tem o objetivo de viabilizar o intercâmbio e a cooperação entre a UFMG e as escolas públicas de Belo Horizonte, visando à formação docente, inicial e continuada. Os estudantes bolsistas tem uma carga horária semanal a ser cumprida no projeto de 20 horas e são divididas em 10 horas na escola com as intervenções, 3,5 horas de reuniões semanais e o restante da carga horária de planejamento e estudos.

A implantação e o desenvolvimento do PIBID na FaE/UFMG assegura o trabalho, o compromisso e a importância vinculada pela UFMG às disciplinas de iniciação profissional e formação pedagógica que constitui os cursos de licenciatura e Pedagogia na UFMG e faculdade de Educação. A intenção é envolver cada vez mais os professores da Universidade (além dos coordenadores), em um trabalho colaborativo e diferenciado entre as escolas públicas da Rede Estadual, Municipal e Federal de Ensino.

A intensificação do diálogo entre a universidade e a escola pública neste processo de formação de professores permite a sistematização das várias estratégias de produção do conhecimento que contribui para o pensamento crítico dos professores a partir de suas experiências.

(Histórico da faculdade de Educação UFMG)

### 2.3 O subprojeto educação física do PIBID/FAE/UFMG

O subprojeto da Educação Física passou a fazer parte do programa PIBID da FAE/UFMG em 2012 e se inseriu neste projeto de intercâmbio de incentivo a docência entre a faculdade e as escolas da rede pública no segundo semestre de 2012.

Em entrevista cedida pelo professor José Angelo Gariglio, sendo coordenador do projeto comenta a entrada da área no programa, e o que foi preciso para essa vinculação e quais documentos; motivos para que essa inclusão ocorresse. A entrevista cedida à Luiza Navajas de Faria<sup>2</sup>, para a realização de seu trabalho de conclusão de curso, o professor José Angelo Gariglio menciona alguns argumentos:

O primeiro motivo é que é um projeto que a grande maioria das licenciaturas na UFMG já estava participando. Desde o início do lançamento do edital, do primeiro edital pela CAPES, e era inadmissível que a licenciatura da educação física na UFMG não participasse desse processo, juntamente com as demais licenciaturas.[...]. Mesmo porque a gente tem um projeto de curso de licenciatura muito bom, né, reconhecido nacionalmente. Então, não tinha como aceitar esta situação, né, de uma não inclusão da nossa área do projeto da UFMG.(...) Um outro motivo que me parece fundamental, é que a possibilidade rica de formação, que os licenciados aqui na UFMG podem ter(...) Um projeto como esse, aqui no curso de educação física ficava muito restrito aos estágios, estágios obrigatórios e... a gente não tinha um projeto contínuo, com bolsas, com apoio institucional que possibilitasse aos licenciados uma experiência mais intensa que o estágio... no cotidiano da escola. Então acho que esses dois foram os motivos principais. (FARIA, 2014, p.13)

---

<sup>2</sup> FARIA, L. N. de. **Os impactos do PIBID na formação docente dos licenciados em Educação Física**. 2014. 88 f. Monografia - (Educação Física Escolar) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Acesso em: Nov. 2014.

O Plano de Trabalho apresentado pelo professor José Angelo Gariglio contém algumas propostas ao projeto:

- 1) O nosso plano de trabalho visa desenvolver ações de iniciação a docência com dez alunos do curso de licenciatura em Educação Física da UFMG;
- 2) O trabalho de formação será realizado em duas escolas públicas da rede estadual de educação de Minas Gerais: Escola Estadual Pedro II e Instituto de Educação (Posteriormente esta escola foi substituída pela Escola Municipal Aurélio Pires);
- 3) As ações de formação previstas visam estabelecer o contato dos alunos com a realidade concreta do ensino da EF no ensino fundamental e médio;
- 4) Projetamos o desenvolvimento de iniciativa que promova a formação dos alunos pela via da experiência contínua da ação-reflexão-ação;
- 5) A promoção de ações que visem à inserção e a melhor compreensão da cultura escolar e sua relação com o ensino da Educação Física;
- 6) A produção de reflexões sobre os processos de enraizamento curricular da Educação Física na escola;
- 7) Ações que ampliem a capacidade de compreensão dos alunos sobre as formas de organização curricular da Educação Física na escola;
- 8) O fomento de espaços/tempos de reflexão que contribuam para a formação teórico/prática dos alunos no que tange às possibilidades de intervenção didática em Educação Física na escola (metodologias de ensino, relação professor-aluno, gestão dos conteúdos, gestão de classe, procedimentos avaliativos);
- 9) A produção de experiências reflexivas (teórico/prática) que ampliam a compreensão dos alunos acerca das características dos sujeitos da intervenção em Educação Física na escola: a infância, a adolescência e a juventude. (FARIA, 2014, p.13-14).

Os resultados que pretendia alcançar com a participação no projeto:

- 1) Melhoria da capacidade de análise dos alunos acerca do funcionamento institucional da escola e de sua relação com a Educação Física;
- 2) Refinar

a capacidade dos alunos de articular teoria e prática como estratégica para a construção de soluções que visem melhorar os processos de ensino-aprendizagem em Educação Física; 3) Ampliação da compreensão dos alunos dos elementos socioculturais que constituem as culturas escolares; 4) Desenvolver nos alunos competências pedagógicas que os habilite a uma ação docente que busque articular as ações didáticas em Educação Física com o projeto escolar; 5) Desenvolvimento de uma cultura colaborativa aberta ao trabalho e a produção coletiva na escola; 6) Aprofundar a compreensão da Educação Física enquanto um componente curricular; 7) Qualificar o entendimento dos alunos quanto à especificidade pedagógica da Educação Física e a identificação do objeto de ensino desse componente curricular; 8) Favorecer o desenvolvimento dos conhecimentos e competências didáticas em Educação Física.; 9) Melhorar o entendimento dos alunos acerca das características que compõem os sujeitos das intervenções em Educação Física: as crianças, os adolescentes e os jovens; 10) Qualificar a formação pedagógica dos professores supervisores e de sua capacidade de atuação como professor formador. (FARIA, 2014, p.15 - 16).

Durante a entrevista o professor José Angelo Gariglio expõem a sua opinião em relação a importância do PIBID na formação dos estudantes bolsistas e com clareza aponta as razões pelas quais ele considera o programa de grande importância no aprendizado e na formação dos formandos:

Eu acho que você ter a possibilidade de passar dois anos dentro de uma escola né, participando efetivamente do trabalho docente em específico na educação física e... de outras possibilidades de intervenção de um professor da escola, como por exemplo participação de reuniões institucionais com a gestão da escola, desenvolvimento de projetos coletivos com outras disciplinas... ou seja, vivendo intensamente o que é ser um professor, porque na realidade guardadas as devidas proporções né, o bolsista PIBID ele tem uma experiência de docência né, de prática docente. De maneira muito similar a que um professor de educação física na escola tem, né, não é igual mas muito similar. Então ele dá aula, ele acompanha a aula, ele desenvolve projetos, né, ele interage com outros estudantes, eles tem reunião coletiva de planejamento, ele se prepara pra dar uma aula, ele estuda pra preparar uma aula, pra preparar um projeto, né, avalia sua intervenção, seja individualmente ou coletivamente. Então, eu entendo que essa experiência, ela agrega um conjunto de saberes, de competências e de habilidades docentes, que... juntamente com disciplinas e

conhecimentos de ordem mais teóricos, né, e conceituais que os estudantes vão tendo com as disciplinas na graduação pode estabelecer uma relação teoria-prática mais rica, mais intensa, mais próxima, mais dialogada. (FARIA, 2014, p. 16-17)

O subprojeto Educação Física do PIBID garante uma organização e seu funcionamento é claramente detalhado de forma sucinta pelo professor José Angelo Gariglio, para que tenha uma melhor compreensão:

O PIBID ele se organiza da seguinte maneira: Ele... os estudantes recebem uma bolsa de 20 horas. E essa bolsa é dividida mais ou menos da seguinte forma: as reuniões na FAE, na sexta-feira de tarde, obrigatórias com as demais licenciaturas da UFMG; uma carga horária de intervenção na escola que varia entre 8 e 10 horas de intervenção na escola e o restante dessa carga horária é de estudo e preparação desses estudantes. Então os estudantes vão as escolas duas vezes por semana, preferencialmente no momento em que os professores supervisores estão lá trabalhando, para que eles possam se supervisionados, conduzidos, avaliados, motivados. Nesse grupo, nós temos dois subgrupos um na escola municipal Aurélio Pires e outra na escola estadual Pedro II, cada escola tem cinco bolsistas e uma supervisora. Então os dois subgrupos desenvolvem projetos de intervenção, seja projetos de intervenções na aula... nas atividades curriculares da educação física né, no que diz respeito as aulas obrigatórias né, tanto no que diz respeito a eventos, festas das escolas. E esse projetos são sempre construídos coletivamente e avaliados coletivamente. Então, tudo que se faz é discutido coletivamente no grupo todo, para que todo mundo possa se inteirar, participar, contribuir, avaliar e também a gente trabalha muito com relatos de experiência. Então pelo menos duas vezes por mês, uma vez por mês a gente tem relatos do que acontece nas intervenções nas escolas, a gente avalia esses relatos, discute esses relatos e... os professores supervisores juntamente comigo participam efetivamente desse processo. Eventualmente escrevemos trabalhos pra enviar pra eventos acadêmicos, pra participar de eventos acadêmicos. (FARIA, 2014, p. 17)

O professor relata um ponto negativo que observou durante a sua experiência como coordenador do subprojeto Educação Física:

Eu acho que um ponto negativo é ainda assim uma... eu não percebo que a escola de educação física toma isso como um projeto dela, assim... então acho que isso é um ponto negativo assim, apesar de eu ter proposto junto ao colegiado que a experiência do PIBID seja reconhecida como G1 e G2, com carga horária de G1 e G2 e o colegiado tenha aprovado esta possibilidade, então de alguma forma o colegiado da graduação reconhece a experiência do PIBID como algo que faz parte da formação do licenciado, valorizando essa experiência, reconhecendo essa experiência, é... mas eu sinto ainda que é uma coisa que fica meio periférica... dentro da escola de educação física, sabe...+(FARIA, 2014, p.20)

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho se configurou através de uma pesquisa qualitativa, definida por Deslauriers e Kérisit, como uma pesquisa que “[...] analisa dados qualitativos da experiência, das representações, das definições da situação, as opiniões, as palavras, o sentido da ação e dos fenômenos.” (p.147). E de natureza um de caso na finalidade de estudar e avaliar algo singular, que se constitui numa unidade dentro de um sistema mais amplo. Alguns métodos foram utilizados como instrumentos de recurso na pesquisa:

#### 3.1 Entrevista

A entrevista foi realizada com a professora Cristiane Guieiro, na escola Escola Estadual Pedro II onde o projeto é desenvolvido, e ao coletar os relatos utilizei a gravação em todos os encontros durante cinco dias de entrevista. A entrevista foi elaborada por um roteiro semiestruturado e com questões norteadoras sobre o tema; e pensada como uma ferramenta

[...] indispensável, não somente como método para aprender a experiência dos outros, mas, igualmente, como instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações. (POUPART, p.217).

#### 3.2 Observações

“A observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática [...]. Planejar a observação significa determinar com antecedência o quê e como observar. [...] O preparo da observação é a delimitação do objeto de estudo.” (LUDKE; ANDRÉ, 1988, p. 25)

Durante as aulas de Educação Física da professora na EEPII, a minha observação se configurou por análise das aulas, filmagens de algumas aulas, registros no caderno, observação das conversas e, além disso, busquei um diálogo com a professora após as aulas, para obter uma melhor reflexão que envolve a vida de um professor e os dilemas que o cerca nosso universo docente.

### **3.3 Análise documental**

A análise documental foi realizada na perspectiva de Ludke e Andre, %a análise documental pode constituir numa técnica valiosa de abordagens de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.+(p. 38).

A análise documental foi realizada para apresentar as informações necessárias sobre o programa PIBID e a sua relação com a área da Educação Física, de maneira que demonstre os ganhos e os benefícios para a formação docente. Foram analisados documentos disponibilizados pela FaE.

## **4 RELATO DA PROFESSORA CRISTIANE GUIERO SUPERVISORA DO PROJETO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA**

Apresento o relato de uma professora supervisora vinculada ao subprojeto da Educação Física em uma das escolas da rede pública de Belo Horizonte, no qual manifesta as suas principais experiências, observações, vantagens, inquietações, indignações, e sugestões em relação ao trabalho docente na escola, dentro da universidade e no programa PIBID.

A professora entrevistada é a Cristiane Guiero da Escola Estadual Pedro II, onde o trabalho do programa PIBID é desenvolvido, juntamente com seus cinco bolsistas. A entrevista foi dividida em três blocos de perguntas com subtemas que são organizados deste a formação até a participação e atuação no PIBID:

- Período de Formação: Uma reflexão e um relato sobre a infância, a juventude, a educação nos anos iniciais, a educação física escolar e a formação no curso de educação física na universidade.
- Atuação na área da educação física: trajetória desde os primeiros momentos pós-formação até o momento atual.
- Participação e atuação no PIBID

Sua pessoa, sua fala, sua interpretação do vivido, suas representações, seu olhar, a dimensão de suas necessidades e expectativas trazem novo panorama: o professor como pessoa, como profissional, como construtor de inteligibilidade, como ser reflexivo, como alguém que pensa, decide, se angustia (GHEDIN; FRANCO, 2008, p.60 *apud* FINCK, 2011).

### **4.1 Período de formação: Uma reflexão e um relato da professora supervisora sobre (a infância, a juventude, a educação nos anos iniciais, educação física escolar e a formação no curso de educação física na universidade).**

Ao iniciar esta entrevista achei interessante pedir que a professora relatasse um pouco sobre sua infância, sua juventude e a sua fase na educação básica. Para que tenham um entendimento melhor de como tudo começou, deste a sua formação

pessoal e a relação de influência durante todos os anos de vivência até a formação acadêmica. Sendo assim, Cristiane relata:

#### **4.1.1 A infância e o início da educação básica**

Eu tive a felicidade de passar o período da infância num bairro que tava sendo construído ainda. Então isso marca bastante a minha infância e inclusive a minha corporiedade. (...) A gente tinha liberdade né, liberdade de movimento, e acho que essa primeira parte da infância foi bem proveitosa... era árvore, era correr, ficar sujo o tempo inteiro... eu gosto de lembrar isso porque tive uma infância de muita brincadeira... e isso explica muito o agora e quando eu entrei na escola na primeira infância com cinco anos eu também tive a felicidade de entrar pra uma escola que trabalha muito a questão corpórea... muito mesmo, a questão do protagonismo, a gente sempre tava envolvido no teatro, aula de judô, aula de balé né, aula de natação. Na escola as aulas eram separadas as meninas no balé e os meninos no judô, mais eu quis fazer os dois... e fazia os dois... era no jardim de infância. E... tinha o momento balé, momento judô e momento educação física com a professora regente.

#### **4.1.2 Período da educação básica e experiências relacionadas a fase de formação**

Questiono a professora sobre a Educação Física do fundamental I até os anos finais do Fundamental II, e a sua relação e envolvimento com as aulas e com os professores.

Eu saí da escola do bairro e vim pra uma escola do centro... e fiquei da primeira a quarta série e... a educação física ela tratava do desenvolvimento motor. Então as aulas eram todas focadas para a questão da lateralidade, da coordenação motora... era assim. Eu gostava muito... era movimento, e gostava de competir mesmo e era desafiador pra mim, eu não era destaque não, mas gostava de competir (...) Da quinta série a oitava aí foi esportes, já não foi nesta escola também... foi em outra escola, e nesta escola tinha também a questão das apresentações artísticas, de dança, e... eu era muito tímida mas sempre queria participar das coisas que a escola promovia. (...) nesta escola a gente tinha tudo, todos os esportes. E os professores que tinham na escola eram técnico de equipes e então eu tive muita sorte de ter professores que envolvia profissionalmente com esportes, por exemplo na oitava série meu professor que era até treinador de vôlei no Minas Tênis Clube. (...) Então passei pelos esportes todos, passei pelo: handebol que era o que eu mais gostava, pelo voleibol, pelo futebol de campo, pelo futebol de salão, basquetebol, atletismo e ginástica artística também... e todo ano tinha as olimpíadas. E... é uma escola muito exigente e voltada pro rendimento... e pra disciplina do corpo mesmo. E eu gostava dessa disciplina, dessa rigidez.

Ao questioná-la sobre as reflexões e o relato de suas experiências no Ensino Médio, antes de iniciar sua fala a respeito de sua vivência, a professora diz que para se ingressar nas escolas que estudou nos anos iniciais e a do ensino médio, ela passou por um teste de seleção, por serem escolas da região central de Belo Horizonte.

Eu entrei na escola estadual, depois fui pra uma escola municipal na qual eu fiz os anos finais do fundamental, e... depois fui fazer teste de seleção pro Instituto de Educação em 92, 93 assim... com uma seleção pesada e lá só estudavam moças, porque era magistério... técnico em magistério. (...) E na época era uma escola referência, uma escola modelo e fiz o teste e passei... mas aquela questão de passando dificuldade financeira em casa e... você vai estudar a noite pra começar a trabalhar. (...) E eu só fui arrumar trabalho no segundo ano, já tava lá com meus 17 anos e foi aí que consegui trabalhar no jardim onde eu estudei. Na época eu fazia jiu jitsu e comecei a fazer jiu jitsu com 12 anos de idade, então eles precisavam de um professor de judô, foram na academia onde eu treinava e pedi, e foi uma coincidência... e o professor que me dava aula de jiu jitsu foi o mesmo que me dava aula de judô no jardim quando eu tinha cinco, seis anos. (...) E eles foram atrás dele pra ver se ele poderia voltar a dar aula lá de judô e aí ele me indicou... não eu não posso, mas tem uma aluna minha que pode e me indicou, e eu já tinha uma graduação que permitia fazer isso né, então eu fiquei no jardim durante três anos onde estudei, dando aula de judô. (...) No Instituto as práticas que eu fazia era vôlei, handebol, natação, sala específica pra ginásticas, e os professores eram separados por modalidade, o professor que dava aula de vôlei dava só de vôlei, de handebol só de handebol e... professora de ginástica era específica da sala de ginástica, e... eles eram professores de educação física, mas se organizavam por modalidade né, e eu gostava disso. E eram muitas meninas a gente não fazia só aula com as meninas da noite, fazia com as meninas da tarde... e tudo acontecia simultaneamente, e a gente era livre pra escolher... e eu passava por todas. A modalidade que eu fiz fora do ambiente escolar de forma sistematicamente foi o jiu jitsu, competindo e com registro da federação de forma sistemática, mas todas as outras práticas corporais foram dentro do ambiente escolar.

#### **4.1.3 A entrada no curso de educação física**

Após compreender um pouco sobre a sua trajetória de vida da professora, desde a educação básica, procuro entender quais foram as influências e o que a levou na escolha para o curso superior na área da Educação Física, e suas principais referências:

Acho que o que mais me motivou a fazer o curso é que eu me identificava mesmo com a Educação Física, apesar de me identificar muito com a questão das letras né e do jornalismo, e assim... na época do ensino médio eu ficava muito na dúvida entre letras e educação física, mas o que mais me puxava era a educação física, gostava desse universo, e pela experiência que eu tive né. E era uma coisa que me deixava muito feliz assim e gostava

de praticar e até então eu sabia muito pouco do curso de educação física, muito pouco e então quem realmente me direcionou... que existe um curso de educação física que prepara professores né, e me direcionou isso foi no Instituto, foi um professor de lá, e que de certa forma também me incentivou e dizia... a você tem que fazer educação física. E na época se eu não me engano a prova era ainda aquela prova prática né, se não me engano. E parece que quando eu tava no Instituto a prova ainda era prática, e aí ele falava né, você vai passar porque você tem facilidade nas modalidades(...). E quando eu tava no segundo ano do magistério... e reencontrei um professor meu de língua inglesa que me deu aula e que me questionou o que eu ia fazer se seria curso superior e disse a ele que queria fazer educação física (...) e ele se propôs a me levar na escola de educação física e na de letras pra ver como é, e... também porque ele queria que eu fizesse letras, né (...) então disse eu vou te levar e você vê o que mais te tocou, então foi ele quem me levou. E aí eu fui e... vi disse é aqui mesmo que eu quero ficar, já me encantei com a piscina, e vim com aquela ideia vou vim pra cá fazer o que eu gosto: jogar bola, nadar o tempo inteiro, e passar quatro anos de curso... e em momento algum passou pela ideia que existia uma teoria por trás da educação física. E eu só pensei na prática porque a minha educação física ela foi uma educação física prática, e até ao encerramento do meu ensino médio ninguém falou que a gente tinha que pensar a prática da educação física.

A entrada na universidade ocorreu em um momento que a inserção no curso era diferente dos tempos atuais, e a avaliação era diferente dos anos mais recentes. Então relate de que forma ocorreu a preparação para sua entrada no curso de Educação Física, quais foram as dificuldades do momento e o seu primeiro impacto.

Os meus impactos não fica só por conta do curso de educação física não né, primeiro foi a dificuldade em entrar lá, eu levei cinco anos para entrar. (...) a federal era uma escola extremamente elitista, então quem tinha acesso era os alunos que vinham de escolas particulares, esses tinham acesso mais garantido né, quando eu entrei a minha turma de 55 alunos, cinco alunos eram de escolas públicas na minha época e destes cinco todos fizeram cursinho e não era a primeira vez que tentava o vestibular era muito difícil e os outros eram de um universo muito diferente do nosso. E quando eu já tava ali no meu quarto ano deu pra pegar uma experiência e eu gostei da prova, mas batia aquela frustração... poxa vida eu não tive esses conteúdos, os conteúdos que eram cobrados de mim né, porque eu fiz magistério, e... física, química eu tive só muito básico no primeiro ano e os outros anos eram focados em disciplinas pra a área da educação, a minha matemática era uma matemática fundamentada para a didática da primeira a quarta série e assim com todas as outras disciplinas, eu não tive esse raciocínio do ensino médio pra poder fazer as provas da universidade. (...) Então passei um ano estudando em casa, naquela ilusão meus livros né, e... eu tinha primas que faziam cursinho e que me emprestavam as apostilas e eu tentava fazer isso sozinha. E em setembro me surgiu uma oportunidade de trabalhar em uma farmácia de manipulação e ficava o dia inteiro nesta farmácia pra conseguir juntar dinheiro pra pagar um cursinho. E em 99 consegui entrar no cursinho e fiz um ano, assim né, trabalhando de oito as cinco e a aula começava as sete as onze, e... não foi fácil. E mesmo assim pagava o cursinho e guardava o dinheiro porque sabia que

trabalhando eu não ia dar conta de passar... eu ter que sair do emprego e pegar minha poupança e investir no cursinho né, ou seja tinha que montar uma estratégia pra ter acesso a educação que era algo que eu queria demais então foi o que eu fiz. (...) E quando eu passei eu vi o resultado na faculdade de direito tive receio de ir lá olhar... e minha amiga foi lá conferir o resultado e já tinha visto meu nome... ela mandou eu ir lá olhar(...) e vi meu nome na lista e não acreditava, porque ali eles colocavam a lista dos classificados e dos não classificados, e... meu cérebro não processava a informação que você está classificada. (...) Eu não tive tempo de ficar feliz, eu estava tão cansada que assim... não tive essa euforia, só tive uma %noossa eu passei+ e vim pra casa em estado de choque e na época... e... (emociona). E eu tinha investido tudo, a vida, a saúde, saúde emocional, financeiro, eu tinha investido tudo que eu tinha pra tá naquele curso de educação física. Na época a Itatiaia lia os nomes dos aprovados, nome por nome, e eles tiravam a manha inteira pra poder fazer isso. (...) E a hora que eu vim pra casa né, aí tinha uma movimentação na porta de minha casa, aí o meu pai... (emociona) porque ele ouviu né, o nome na rádio, e ele passou mal e meu irmão chamou a vizinha enfermeira pra acudir (emociona). (...) Eu era a primeira da família toda a entrar na universidade federal, tinha primos e primas e eu era a primeira, e... isso foi alastrando e ele contou pra todo mundo.

#### **4.1.4 Os impactos após a inserção acadêmica e suas indignações**

E como foram os primeiros momentos e seu primeiro impacto no curso de educação física, fale um pouco da sua entrada na universidade e um pouco de sua trajetória lá dentro da escola de Educação Física. Neste relato Cristiane manifesta a sua indignação em relação a postura e a concepção de alguns professores da universidade, críticas sobre o trato do conhecimento no curso de formação de professores.

No período de formação surge um desespero de estar em uma faculdade que não respeitava o aluno que precisava trabalhar, e não sei como tá agora, mas eu vivi muito essa situação, especificamente no curso de educação física não. Mas em outras unidades como o ICB lá eu vi isso claramente tá marcado pra mim. Então eu vi muito essa diferença do lado humano da educação física, claro que não são todos os professores, e o ICB com essa situação, foi cruel. (...) E esse meio tempo que eu fiz o vestibular eu também fiz um concurso pra área administrativa porque eu já pensava assim: eu não vou poder ficar quatro anos na universidade sem trabalhar... e eu preciso ter o dinheiro pra ajudar em casa e isso me preocupava. Então saiu o concurso do Estado e passei pra trabalhar no setor administrativo que era o que eu podia fazer porque podia escolher uma escola a noite, e fiquei aguardando. E fui trabalhar no Instituto de Educação na secretaria a noite (...) e sempre tinha que chegar mais cedo pra cumprir as horas que sempre ficava devendo. (...) Então lazer não existia, meus estudos eram dentro de ônibus uma horinha que dava ou as vezes faltava no serviço pra estudar pra uma prova e no ICB eu vivi uma situação que eu tive que fazer bioquímica três vezes. Já um dia eu pedi a professora... porque ela soltou o resultado numa quinta feira e queria marcar a prova especial pra sexta-feira. E aí eu falei com ela que já era a segunda vez que eu tava fazendo a disciplina (...). Então falei pra ela

marcar a prova pra segunda né, e fui ingenuamente explicar pra ela porque eu queria a prova na segunda-feira... hoje eu vou daqui pro trabalho a noite e não vou ter tempo pra estudar pra essa prova de amanhã, e se for na segunda, pelo menos tenho o sábado e o domingo. E... ela foi categórica, ela me olhou com aquele olhar superior e disse que eu tinha que escolher o que queria fazer da minha vida. Como se o trabalho fosse algo marginalizado, o que eu senti foi isso... quem trabalha aqui é marginalizado e fiquei observando a fala dela, e ela falou... se você escolheu estar aqui, você tem que viver e dar conta do jeito que é aqui e se você precisa trabalhar não é problema meu porque aqui a gente não quer o aluno que trabalha, a gente quer o aluno disponível pra ciência e pra se preparar. E quem trabalha não tem tempo pra se preparar, então você não deveria nem estar aqui. Agora se você quis estar aqui então assumo e sobreviva aqui. Então assim... doeu, e passa a sua história pela cabeça, mas não foi eu que escolhi essa condição, essa condição ela foi apresentada pra mim e eu tive que lidar com ela. Mas eu não respondi pra ela, eu engoli isso e refleti. E não fui fazer a prova e falei com meus colegas não gente... não vou fazer a prova é humanamente impossível eu fazer a prova e aí eu vou repetir de novo. E eles com aquela preocupação Cris e seu histórico... eu dizia: azar histórico, e coloquei pra mim e... eu to prometendo pra vocês a hora que eu sair daqui e que eu tiver lá no mercado de trabalho dentro da escola ninguém vai nem lembrar que existe um histórico. (...) E vivi outras situações assim, com fisiologia do exercício um exemplo, que você matriculava com determinado professor e depois era reprovado, tinha que ser reprovado nessa disciplina pra poder fazer ela com mais tranquilidade depois né, não sei se isso existe lá ainda mais existia, todo mundo sabia que 90% da sala seria reprovado então já tinha uma turma separada na grade e horário para os repetentes. E eu já tinha feito magistério e então já tinha entendimento sobre didática, políticas educacionais e parei pra pensar e falei... peraí um curso que tem uma turma reservada com vaga pra repetente? Tem alguma coisa errada dentro do processo. E ninguém questionava isso, ninguém questionava a metodologia do professor, do colegiado sobre essa situação, e não tinha esse debate. E eu era um ser isolado eu era mais velha e com mais maturidade, mas não tinha o corpo pra me ajudar. E a turma de repetente era com o mesmo professor e aí o jeito dele de ser, nessa turma de repetente era completamente diferente naquela outra entendeu. Então pra quê o terror? E o conteúdo era o mesmo, e parece que o professor tinha prazer neste terror pra valorizar a disciplina e não precisava, porque a fisiologia do exercício ela se auto valoriza. (...) Agora se todo mundo revoltasse e não aceitasse isso... então vai reprovar a turma inteira, essa situação já teria mudado. E foi o tempo inteiro assim né, e aí o que eu percebi também que as vezes o professor, ele te exige uma qualidade da sua docência, mas ele mesmo não tem. E ah... tem renovar a sua prática e aqui mesmo... não se via nada de novo na prática, nada de novo no formato de como avaliar, não fomos educados de como vou avaliar meus alunos nas aulas de educação física... então não tive isso nos cinco anos que estive na faculdade lá na educação física, não tive nenhuma disciplina que trabalhasse essa questão como vou avaliar o meu aluno na educação física. E ficava só aquela discussão da baixa auto estima da educação física e na questão que ela não é valorizada na escola, e que ela vive uma crise na escola que falta material e que falta isso e falta aquilo. E eu já fui colocando pra mim... não vai existir crise na educação física que eu for trabalhar. Então ficava aquele discurso chato, e eu falava gente o que falta é trabalho, o que falta é trabalho, o que falta é vontade e o que falta é um curso de formação melhor. E a sensação que eu tive e te dizer o que eu sou na escola hoje como professora, não é o que eu aprendi no curso de educação física na faculdade... não é, e sim o que eu venho construindo, e foi o que foi passado no meu curso de magistério, dos cursos extras que eu fiz e a própria sensibilidade que eu tenho de enxergar o meu ambiente e de enxergar as pessoas. Então assim... é algo meu e

algo externo a mim, mas não está atrelado ao curso de formação. Ao curso de formação de educação física eu aprendi que é possível pensar a educação física sem entrar naquela né, só prática, exercitar e sentir prazer no corpo via exercício, via convivência, via brincadeira, aí sim me despertou pra um universo, e peraí é possível fazer algo diferente? E na reflexão a respeito da educação física isso me contribuiu muito, mas ninguém me ensinou como fazer isso. Então quando falam vocês tem que trabalhar a questão da interdisciplinaridade, olha dos meus cinco anos lá, eu não tive um momento se quer interdisciplinar. Então nunca pensamos um momento interdisciplinaridade, e como é que vou fazer né, e já tinha os PCNs, e as orientações pedagógicas do fundamental e médio já estavam aí e em momento algum isso foi pensado lá... com é que vou trabalhar a interdisciplinaridade. Aí veio esse discurso que temos que buscar o sujeito pleno, em momento algum também eu percebi na prática docente o momento plenitude, e então como é que vou trabalhar esse momento. E... eu não fui plena lá, entendeu? Assim como é que eu vou formar um sujeito pleno se nem eu sei o que é ser pleno, não me mostraram o que é ser pleno. Então lá mesmo mostram essa ideia das coisas segmentadas, disciplina disso, disciplina daquilo, e esse tema você não pode falar porque isso não é educação física... ainda tinha isso... não isso não é educação física e você tá misturando as coisas... isso não é das especificidades da educação física. A escola hoje tá vivendo um outro clima, uma outra Era, justamente a da não da especificidade. A não especificidade, e tanto é, que o ENEM tá provando isso aí todos os dias, com exceção da prova de matemática que é a única que tá dentro das ciências exatas, nenhum outro conteúdo vem lá falando... provinha de geografia, provinha de química. As provas estão todas misturadas mas eles não fazem isso no curso de formação, muito pelo contrário né, lá eles tem esse reforço de dissipar né, isso aqui é um pensamento bacharelado e isso aqui é licenciatura, como se o sujeito fosse esse ser separado. E o fisiológico dele é só fisiológico e o emocional dele é só emocional... é não é isso. (...) Mente e corpo é um coisa só, e lá eles fazem isso separado, isso aqui é corpo e funciona como corpo, e isso aqui é mente, e aquilo ali é cultura. Eles apresentam tudo separado e cada um defende o seu, essa é minha visão e essa é que você tem que aceitar. E os alunos entram lá novos, ingênuos e se perdem no meio do processo. E então é super natural que na hora que ele chegar na escola e ver a coisa pra valer... ele se perca também. E aí o problema que ele já vem perdido e se perde aqui dentro de um universo que não pode se perder, um universo de alunos esperando a sua providência e a sua orientação e como você vai contornar essa situação? Então você já vem com seus conflitos e aqui dentro você já pega os conflitos do sistema e se você não tem uma formação forte, a hora que você chega aqui... você realmente se desorienta, e é muito mais fácil não fazer nada, uma vez que a educação física já tem essa fama de % vamos rolar a bolinha+ e não tem que pensar... é muito mais cômodo pro professor. Assim eu critico muito o professor que faz isso, mas também tenho essa reflexão... peraí e a formação dele foi diferente disso aí? Porque não foi diferente disso aí, certo? Então assim não se renova a prática lá, e esse dias eu tava assistindo um programa muito interessante sobre essa questão de agora... então que hoje os alunos de escola pública estão chegando lá... e chegando com os mesmos problemas que sempre estiveram aqui... que não sabem ler direito, não sabem escrever e aquela dificuldade toda de aprendizagem. E a universidade deixou de atender a elite e pra atender o que nós sempre atendemos aqui na educação básica, e que lá com as teorias todas ditavam pra gente o que a gente tinha que fazer pra dar conta do recado então a dica que dou hoje é use as teorias que ditavam pra gente dar conta aqui com os que estão tendo acesso lá agora certo? Então tá na hora agora de testar... vamos ver se a teoria que vocês sempre dizem aqui funciona lá, com esse aluno com dificuldade, esse aluno marginalizado, aluno sabe excluído e desse mundo tão desigual. E eles tão sempre

dizendo é isso que tem que fazer. E o professor que não dá conta de fazer é um professor incompetente... né. (...) Porque o discurso que eu tenho ouvido lá também... é um discurso de preconceito dos que estão chegando lá na faculdade, então assim... ah estão vindo despreparados, português é ruim, as vezes escrevem errado. Então usem as teorias que sempre ditaram aqui. E não vão conseguir, porque elas não funcionam, elas não funcionam deste jeito. Então o sistema ele é muito dinâmico e ele pode funcionar por um tempo curto e não funciona por tanto tempo, eu to vivendo essa situação atual, eu fiquei três anos com um grupo de alunos dentro de uma realidade que me permitia fazer coisas e avançar que hoje eu não consigo mais. Então tive uma educação física muito bem sucedida por três anos... com sequência, homogênea e as coisas se engajavam e assim era perfeito vamos dizer assim, sabe e não é mais... porque mudou o grupo de alunos já saiu e agora é outro grupo e eu to passando de novo por esse conflito de repensar a prática. Então em três anos eu tinha um projeto e agora eu estou reconstruindo e eu fiquei o ano passado dando aula e observando os meninos como eles reagem naquela reflexão e naquele pensar, e no ano de 2014 a mesma coisa, agora que a gente tá fazendo.

Percebo no relato de Cristiane, que o período da graduação apesar apresentar inúmeras dificuldades e conflitos, a formação foi construída com muita dedicação e busca pelo aprendizado. Talvez fosse o que a fez a profissional de hoje com fortes traços do seu ser pessoal aliado as experiências.

[...] Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de auto-reflexão e de auto-análise. (NÓVOA, p.38)

#### **4.2 Atuação na área da educação física: trajetória desde os primeiros momentos pós-formação até o atual momento**

Posterior a sua graduação o que lhe ocorreu, e suas opções de trabalho após esse momento, Cristiane relata:

Eu formei lá na universidade em 2008 e no Instituto continuei com meu trabalho burocrático né, administrativo e com o projeto voluntário da ginástica rítmica que ele foi até 2009 e se encerrou. E ele se encerrou porque eu fui convidada pra vim pra cá em 2010 pro Pedro II e então não tinha mais como manter o projeto voluntário. E aí eu fiquei com trabalho administrativo durante seis horas por dia e aqui.

#### 4.2.1 Período pós-formação

A professora Cristiane fala um pouco sobre a sua fase pós-formação e as suas sensações ao concluir a graduação, como foi preparada para a demanda escolar.

E na faculdade eu escolhi uma direção mais autônoma, e as informações que eu obtive lá me ajudaram e foram importantes pra eu construir o que é isso aqui, e ia pegando o que era melhor de cada professor. Então eu não construí a minha formação que é essa divisão que infelizmente existe lá... que você ministra esse tipo de conteúdo dessa maneira, e a aula de cá vai ser dada dessa maneira. Eu não tive essa visão dividida, mas isso aí foi uma escolha minha, e o que eu vi, foi a possibilidade de pegar o que cada um, que ensinou ali, o que tinham de melhor e tentar trazer tudo em um projeto só. Então foi assim que eu pensei num projeto pra aqui pra educação física, então um professor que era mais severo, mais sistemático e rígido dentro da metodologia dele, eu também uso... tento trazer pra minhas aulas essa rigidez quando se trata de um projeto ou trabalho mais complexo de pesquisa com os meninos, até pra eles entenderem que existe esse caminho científico da pesquisa e que o mundo evoluiu assim. E tem o outro lado mais humano que eu também faço esse lado com os meninos também. (...) então eu tentei buscar tudo, tudo que eu tinha de melhor de cada um e trazer pra cá, independentemente do professor e da linha que ele seguia lá na faculdade e tentei buscar o melhor de cada um, as informações que eles me deram pra cá e a partir daquelas informações acrescentando outras, eu tentei fazer uma ligação mesmo, e fiz uma interdisciplinaridade com tudo que aprendi lá, do que já sabia do magistério, da própria vida e de outros cursos que já fiz, e isso tudo em um projeto para a educação física. (...) Mas... não foi a graduação que me preparou, eu já tive experiência no magistério e no momento da graduação eu já tinha tido as minhas experiências e desde os meus 17 anos eu já dava aula, e eu melhorei a minha forma de dar aula... melhorei né, e também amadureci e isso vai ser até o dia que eu me aposentar, mas eu não tive esse problema... eu saí preparada.

Analisando a fala da professora, fica evidente que a base para seu preparo do ofício da docência, foi construída desde a sua formação anterior no período do magistério, as experiências como professora ainda no período da graduação e das experiências de vida. E são as vivências que lhe atribuiu competências e saberes para o seu trabalho na educação básica, concepção apoiada nos dizeres e reflexões do autor Tardif *et al.* (1991) *apud* Finck, 2011 diz a partir de pesquisas realizadas com professores sobre seus saberes se são denominados práticos ou da experiência:

[...] depreendem que os saberes da experiência têm origem na prática cotidiana e é por ela validado. O professor os adquire pela sua experiência profissional e por meio dele constituem os fundamentos de sua competência, fornecendo a base para modelos de excelência profissional. Mediante os saberes da experiência, os professores julgam sua formação anterior ou sua formação ao longo da carreira; as reformas introduzidas nos programas e currículos; as inovações metodológicas e sua adequação à realidade.

#### 4.2.2 As críticas à formação acadêmica, e sugestões à formação docente.

Neste próximo questionamento, a experiência de Cristiane como professora lhe permitiu dizer o que falta na formação acadêmica no quesito de conteúdo disciplinar. De maneira que ela aponta os problemas comuns no cotidiano escolar e que exige do professor um saber a respeito dos alunos.

Olha é uma crítica que faço até hoje... um estudo mais aprofundado na área da psicologia, não tem como eu dissociar um bom trabalho de educação física sem um entendimento da psicologia do sujeito... é impossível né. Porque a gente tá trabalhando diretamente com o corpo e é no corpo que estão todos os meus sentimentos, todos os meus traumas, e ... ele tá ali no meu corpo e ele passa pelo meu emocional, e é o que me trava, trava o meu corpo e tá tudo interligado. E... os preconceitos e conceitos... então na verdade tudo tá dentro do corpo da gente né, e as vezes a gente tem essa ideia de que não, e que isso é separado. Então isso tinha que ser muito mais aprofundado lá. E a gente tem a psicologia da educação e ela não é suficiente, porque a psicologia da educação ela tá mais ligada ali a aprendizagem, mas não enquanto ao sujeito, aquele sujeito de aprendizado de alguma coisa né, e nas suas dificuldades. E na educação física ela é muito superficial, a gente estuda só pra saber que tem, mas essa questão do emocional do sujeito... eu acho fundamental gente, e como é que você convence um aluno que tem problema com emocional e com o corpo dele a praticar a sua aula, e expor esse menino lá... ele vai se expor, expor o trauma dele todo. Aquele conceito que ele tem dele mesmo enquanto imagem que não tá dentro do padrão né, e como é que você vai fazer isso didaticamente e conscientemente do processo que você vai contribuir pra aquele aluno evoluir... se você não tem esse conhecimento psicológico mais aprofundado. (...) A gente não tem o pessoal da psicologia do esporte né, que trabalha diretamente com ela voltada no esporte, e a psicologia da educação física na escola... falta o trato que o aluno e professor tem que ter. E... já vi situações em que alunos se escondem atrás da blusa de frio, como amuleto de segurança. (...) e tem os gordinhos, os meninos muito magro também... e se eles não se encaixam no padrão imposto né, e na adolescência isso é muito forte, ele tem que ser aceito pelo grupo né, e assim... os adolescentes são muito preconceituosos ... e eles estão naquela fase da formação. Então eles segregam mesmo e se você não tiver dentro daquele padrão popular... você não é da turma né. Então como que se trabalha isso... né, é no senso comum? Ah vem cá... não pode ser assim, espera aí só não pode ser assim ou a gente vai fazer um trabalho realmente sequencial e com cunho científico, pra saber o que você tá fazendo e onde é que você vai chegar. (...) tá fazendo um calor insuportável e o menino tá lá com aquela blusa, e o professor não tem essa sensibilidade de perceber isso, dizer o quê... tira essa blusa, tira essa blusa... se não tirar você vai tomar uma ocorrência, igual eu já vi acontecer, e o aluno resistir e dizer não tiro. E o professor não teve essa sensibilidade de entender, e expôs mais esse aluno, expôs mais ainda o problema dele. E... eu acho isso um pecado, um pecado didático... uma situação dessa, e nessa você perdeu o aluno, então eu tenho muita essa preocupação em não perder aluno nenhum. E tenho essa relação afetiva com eles, mando e-mail se não veio a aula, se tá doente to ligando em casa pra saber o que aconteceu... e tenho esse vínculo com a família porque hoje essa geração tá carente mesmo, e não tem tempo de dá atenção né, não tem tempo mesmo. (...) Na escola de educação física nós não temos uma disciplina que é sobre avaliação, eu

não tive, e a minha crítica é o seguinte a educação física ela é inserida no contexto escolar. E assim... lógico que tem as suas ressalvas... a educação física não reprova, frequência não reprova... e sinceramente acho uma vantagem, que a partir do momento que não tem esse vínculo, eu posso fazer um trabalho com meu aluno de tirar essa ideia dele, de que ele precisa estudar só pra ganhar ponto, e eu posso fazer isso com muita liberdade pra que eles venham entender.

(...) Eu acho que falta lá na escola de educação física, essa questão do ensinar, preciso saber como vou ensinar como eu vou ser no contexto escolar... o que eu preciso saber pra estar atual e atuante lá naquele ambiente escolar e essas informações né, não chegam, o que eu vejo lá... é um despejamento de contudo.

As observações que foram relatadas acima, demonstram cobranças e ações na conduta de um professor, e remete com clareza conhecimentos que são ausentes e outros que são insuficientes na formação de professores. A partir das alertas feitas, consigo relacionar com a fala de Finck, 2011,

[...] É de fundamental importância que num curso de formação de professores seja possibilitado ao acadêmico o contato com esse saber-fazer do professor, na perspectiva de uma aproximação analisada e refletida, a fim de absorver saberes e adquirir capacidade de reconstruí-los, utilizando como suporte os conhecimentos adquiridos na graduação.

A preocupação com uma formação, no sentido de existir uma ligação dos conteúdos da área com o trato pessoal, tem grande importância. Uma vez que podemos deparar com alunos que apresente problemas na família ou na formação pessoal. E alunos que talvez tenham dificuldades no aprendizado ou no envolvimento das aulas, por questões que diz respeito à aceitação, exclusão de algum grupo ou outros seguimentos. A cobrança vem para os professores, o lidar com a realidade escolar, na busca da preparação, de uma sensibilidade com essas adversidades além da expectativa de motivar os alunos.

(...) Despeja conteúdo... e é isso que eu ministro e isso é importante e... a forma de se avaliar daquilo que é dado lá é meio contraditória né, e... pelo que me repassam hoje e até o que foi pra mim antes, eu não consigo reproduzir aqui, a forma que fui avaliada lá tá fora de tempo, tá ultrapassado demais né, então... é lá e porque o primeiro contato que vocês tem a com formação de ser professor é lá e a gente tem o nosso professor o tempo todo como referência. E se esse professor for um professor ruim a tendência é a gente reproduzir aquilo que ele foi pra mim, alguma coisa você traz consigo.

(...) Então as vezes a gente sai da faculdade assim muito empolgados, no momento nosso de estágio e a didática dos professores é visto assim... com só críticas né, e entra todo mundo naquele momento debate sobre os professores e... que professores não fazem nada e que são rola bola... mas esquecem que a maioria que sai de lá... faz o mesmo, se perde no meio do

processo do sistema educacional. Olha e me desculpe a franqueza, mas esses estágios da faculdade eles não servem pra nada, só pra você concluir uma etapa lá e não servem pra nada. E o professor que recebe esses estagiários lá... (escola) ele é um ser tão atarefado... e não tem como avaliar os estagiários criteriosamente... ele não tem tempo pra fazer isso. Ah vamos fazer um feed back... onde, quando? E ele tá aqui mas não teve um momento de conversa. (...) E acho que os professores de estágios tem plena consciência disso.

Em um dos textos de Finck, em sua colocação, ela remete aos estágios como uma oportunidade singular do desenvolvimento pedagógico dos formandos. De maneira que o diálogo ocorra entre a universidade e escola de forma suficiente para ação docente:

Felizmente, nos cursos de licenciatura, a disciplina de Estágio Curricular é desenvolvida em dois espaços: a universidade e a escola. A direção das atividades da disciplina desenvolve-se por meio de um trabalho compartilhado, com a contribuição dos conhecimentos produzidos na academia (bibliografias, pesquisas etc.) e que chegam à escola, e na realidade escolar (contextos diferenciados, percepções, prática pedagógica, organização da escola etc.). Esse trabalho contribui subsidiando as reflexões e discussões realizadas com os acadêmicos no desenvolvimento da disciplina de Estágio. No seu desenvolvimento, o acadêmico tem a oportunidade de estar em contato com a realidade escolar, por meio das observações que realizará e das decisões que tomará. Dessa forma, terá a vivência pedagógica, buscando como subsídios os conhecimentos teóricos científicos a fim de refletir, discutir e pesquisar, com o objetivo de inovar a prática pedagógica na escola.

O que parece não ser bem assim. Uma vez que estar no meio escolar realizando observações em um período proposto pelo estágio, não quer dizer que esses alunos estejam preparados e expostos aos problemas do cotidiano escolar.

As considerações a partir das disciplinas que abordam os conteúdos práticos no ensino de+ Cristiane atribuiu um valor maior ao seu aprendizado e experiência na educação básica, além de outras vivências fora do contexto escolar. Entretanto, elege alguns conteúdos de sua graduação que foram relevantes, e que atualmente se apropria nas suas intervenções, compartilhando como os desenvolvendo a prática. A seguir, faz algumas sugestões de conteúdos específicos que ajuda na formação pessoal dos indivíduos.

Sinceramente das modalidades esportivas que tive ali... nenhuma me acrescentou absolutamente em nada. Antes nem tinha %ensino de+ era separado no currículo. Antes a gente tinha e era vôlei, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, futebol, futebol então que foi assim sinceramente absurdo porque eu fiz dois (futebol), um futebol que era exclusivamente fisiologia do futebol que não me aplicava em nada na escola, e o futebol que os meninos gostam na escola pra desenvolver... eu não tive conhecimento nessa primeira vez que fiz, porque esse era focado na fisiologia. (...) O conhecimento que tinha lá da escola (educação básica), tive uma educação física escolar muito bacana. (...) Os momentos práticos não acrescentaram nada; devido as experiências que eu tinha e foram experiência sistematizadas... e até porque eu já tinha feito o magistério então organizar didaticamente uma aula eu conseguia organizar, qualquer uma (...) o que me ajudou foi talvez a forma de pensar, agora as aulas de dança e o trabalho de dança foi muito boa... então o primeiro passo vieram de lá (faculdade), as aulas de expressão corporal, de ritmo e movimento e as aulas tinham o foco educativo deste trabalho na escola. A dança folclórica então... ela foi essencial pra fazer o que eu faço aqui hoje no Pedro II, e... que tem essa questão das danças folclórica forte, ajudou demais e... nas semanas culturais aqui né, que extrapolamos a festa junina... foi fundamental. As aulas de dança foram fundamentais (...) elas foram ministradas na forma de construir, não foi passada pra gente como uma forma de reprodução de dança... não era isso, e sim construir um contexto a ser dançado, e uma história a ser rescrita em um corpo a ser dançado e isso foi fundamental... e eu repasso pros meninos isso hoje. E tem que ter essa questão de reflexão e o que eles querem dançar, e o que vai significar pra quem vai assistir e pra eles também. (...) e isso fica mais fácil deles compreenderem os estilos e outros tipos de danças que existem. (...) E a gente entra muito em questão do funk, e hora que a gente começa a fazer esse estudo do que é o funk de hoje, da conotação sexual, do funk do meu tempo é outro. Essa relação porque o funk do Rio de Janeiro é diferente do funk de São Paulo. (...) o funk ostentação de São Paulo pode tá ligado a questão social, por ser uma cidade economicamente mais forte do país, não tá representado não é atoa. (...) quando a gente faz a reflexão com eles sobre o movimento que estamos fazendo... e coloco o debate em sala... e que o ritmo é bom mesmo, mas o corpo expressa algo com esse movimento.

E... uma disciplina que tive na graduação que foi muito importante pra mim foi uma optativa chamada sexualidade e afetividade (...) e ela foi assim... formidável para o ambiente escolar. (...) No trato afetivo no caso meu com os alunos e pra desenvolver também o meu ambiente efetivo. Assim como outra disciplina que tratava sobre a bioenergética que também foi essencial... na perspectiva do sujeito enquanto ser sexual, nas relações sexuais e que não se confundam com o ato sexual em si, e a questão da atração que as pessoas sentem as pelas outras, e a questão da energia que é deixada no ambiente. (...) Lá na faculdade a gente tem uma gama de disciplina que são separadas, e lá não ensina o aluno juntar os conteúdos dele, as aulas que eu tive da história da educação física elas foram maravilhosas e eu adorava, mas como vai pegar aquele conteúdo e juntar lá no outro de %ensino de+. Então quando eu tiver aprendendo o ensino de ginástica artística como eu vou voltar no conteúdo do Tarcísio e contextualizar isso? Isso é importante que esses professores fizesse isso e não fazem. E na hora que você pega as orientações pedagógicas exigem de você aquilo e esses documentos são construídos por eles, pelos professores que estão envolvidos com a licenciatura das melhores universidades e faculdades do país. Ou, seja não fazem lá e ditam que tem que ser feito aqui... aí fica muito mais difícil, pra quem não teve uma formação que retrate isso fica muito mais difícil. Talvez uma disciplina que trate da identidade do professor da identidade daquela pessoa que decidiu

ser professor... seria importante ter lá pra levar esse sujeito a se entender... o professor é ele e ele deixa a sua personalidade. E se é um sujeito que vai formar outro, e... ele não entende nem ele mesmo, fica difícil. Ou o PIBID mesmo realizar esse trabalho, porque o que eu vejo é sempre nas palestras, essa visão externa da educação, é sempre o que o professor tem que ser pro outro. Ainda não vi no PIBID nenhuma palestra que fala %E o professor: Ele+

Essa última reflexão da professora Cristiane, apresenta a importância do trato do ser %o professor+, se justifica quando Ghedin e Franco (2008, p. 61 *apud* FRINCK, 2011), diz:

O professor estando presente como sujeito a pesquisa passa a incorporá-lo, e nessa nova dimensão, é possível olhar a realidade na perspectiva do professor, e não apenas a realidade sobre ele; ao conceber a subjetividade como um fator inevitável na pesquisa entre seres humanos em ação, passa a ser possível estabelecer contatos mais profundos, adentrar nas esferas do desejo, das emoções, das frustrações do sujeito, de suas representações, dos questionamentos de sua identidade.

A pessoa do professor deve ser visualizada como peça fundamental que precisa ser entendida, trabalhada o seu ser pessoal para atuar no ambiente escolar, e deveria existir uma preocupação quando se remete as suas ansiedades, frustrações e inquietações.

#### **4.2.3 Estrutura e avaliação das aulas de educação física**

A atuação da professora Cristiane na escola, e a estrutura das aulas de educação física apresenta uma abordagem diferenciada e com um envolvimento de conhecimentos da atualidade. E esclarece as suas maiores preocupações e objetivos.

As minhas aulas eu procuro, e a gente até ousa a entrar em outras áreas também... mas a educação física aqui ela tem identidade, e... não me limito só na literatura dos escritores da área da educação física, utilizo dos escritores da área a administração porque eles tem um olhar diferente a gestão de pessoas... e troco isso dentro de sala de aula também e o pessoal da psicologia e nos estudos da psicanálise. Pra poder entender como eles entendem e lidam com os sujeitos, os sujeitos nos espaços, com eles mesmos e busco nos espaços da educação física também, e são essas informações que trago pra educação física. E é possível sim... a minha preocupação é que o menino saia daqui com essa sensação de que ele teve na educação física a oportunidade de vivenciar o corpo dele dentro dos espaços onde ele está, mas com essa visão crítica, e não entender assim... práticas isoladas... que essa cultura corporal de movimento né, a gente não quer isso, mas que essa cultura corporal de movimento façam

que menino reflitam também, e vivam a educação física não de forma isolada (...) E teve um aluno meu que na prova do Enem me ligou dizendo que usou dos conhecimentos da educação física pra fazer e embasar a redação que caiu como tema a questão da publicidade infantil, e outros alunos me ligaram pra falar... eles já tinham conhecimentos da influência da mídia, e ele pegou o conteúdo como o futebol que não é um esporte isolado e que o vôlei não é um esporte isolado e que a mídia está ali influenciando as ações das pessoas, e a torcida tem a pressão psicológica em cima dela pra determinar qual time ela vai torcer (...) e eles pegaram essa linha de raciocínio que a gente já tinha aqui e colocaram lá na questão da publicidade infantil. E conseguiram fazer esse elo... existe esse elo aqui né (...) falamos sobre a mídia, esporte, falando sobre a imagem, o lado emocional (...) e as questões da educação física, eles não tiveram dificuldade. Então os meninos tem aqui uma visão crítica do movimento, a minha preocupação é a seguinte se eu não conseguir que o aluno reflita o mundo em relação as questões da educação física então não valeu a pena... e o conhecimento fica um conhecimento para escola e não pra vida e aí fica só pra passar de ano. Então eu fico feliz, porque não acham que a educação física é uma disciplina qualquer.

Aqui uma aula dita a outra, assim... eu proponho um tema pro alunos e da forma que aquele tema transcorria, o desenvolvimento deles, da participação e intervenção deles... aí que saí o tema da minha próxima aula, eu tinha o tema na cabeça e vou trabalhar assim e propor dessa forma mas eram eles que ditava qual era a próxima. (...) A demanda é intensa... e eu estudava muitos temas pra que isso fosse relacionado com a educação física. (...) E eu não trabalho com planejamento do bimestre inteiro eu trabalho com demanda e é muito difícil você trabalhar com demanda, porque você tem que ficar atento o tempo inteiro, estudar o tempo inteiro. E se os meninos vierem com um tema que não dominava... eu passava a semana pesquisando aquilo ali pra dar sequência a próxima aula e os meninos adoravam isso. (...) a escola nunca me cobrou planejamento para o bimestre, quem me cobrou isso foi a escola de educação física, a hora que começou esse intercâmbio né,... de vim aqui e estagiar, a pesquisar e a curiosidade do que acontecia aqui aí... limitou o trabalho aqui, eu gostava de trabalhar daquele jeito e aí quando veio a instituição PIBID né, vamos sistematizar né, temos que passar por isso , por isso... e eu perdi um pouco da liberdade da criatividade, o aluno perdeu a participação e limitou. (...) A minha preocupação era o seguinte... eu tinha um foco, e qual era meu foco no primeiro ano... o corpo né, o corpo e suas manifestações e aí dentro disso o corpo e suas manifestações culturais, manifestações fisiológicas e a gente trazia o máximo de informação dentro desse tema. E quando os meninos tiverem no segundo ano o que eu quero de tema principal pra ser o foco... e de onde é que eu vou partir para ter as informações... quero que os meninos entendam um pouco melhor sobre o corpo fisiológico, essa questão da nutrição, das calorias, da obesidade que vem crescendo principalmente no Brasil, a diabetes que vem crescendo assustadoramente, então esse era o foco era, aí a gente começa a abrir redes de informação relacionado a aquilo ali né, aí as lutas caía dentro deste tema... sim caía, e porque que as lutas caíam... porque dentro das nossas discussões aconteceu o UFC aquele evento aqui dentro do Mineirinho e o Galvão Bueno soltou... chamou os lutadores de gladiadores de século XXI e a mídia caiu de pau em cima, e os meninos trouxeram essa demanda. Então fomos colocar na nossa rede de informação esse questionamento, o que quer dizer isso e será que o Galvão tá errado na fala dele. E eles foram pesquisar e de fato o evento o UFC, ele foi baseado realmente lá no Coliseu de Roma. (...) tivemos que partir do histórico e ver que na verdade o UFC teve sua história lá do Jiu Jitsu e o conflito lá com boxe. (...) E caiu na alimentação... caiu, porque os alunos dentro da questão do UFC querem saber porque eles fazem um trabalho com os atletas pra ficarem com o

peso mais leve e no dia da luta eles estão com um peso muito maior...então vamos entender essa questão. E aí entramos na questão da nutrição, da desidratação, das calorias e como funciona esse equilíbrio calórico. E isso proporcionou uma feira de comidas saudáveis aqui na escola, e... na hora que você fecha no ano, os conteúdos que a gente estudou né, aí que você ver e nossa... olha um tanto de coisa que era da educação física que tinha um cunho interdisciplinar mas que a gente não tava com esse foco %lutas+. A luta caiu, ela aconteceu dentro do processo, como aconteceram as ginásticas dentro do processo, as danças dentro do processo... tudo dentro do processo. Mas eu nunca fiz o meu programa até 2012 assim... %danças+, não, eu sabia que eu tinha que passar por elas. (...) Se a provocação não vier por via aluno, você mesmo será a via provocador pra cair na questão a ser desenvolvida, e é preciso estudar muito e buscar muito o conhecimento. (...) Então a partir do momento entrada PIBID 2012 aí a coisa começou a ficar mais sistematizada e pra mim ficou muito mais difícil... porque eu tenho que restringir meu cérebro a pensar como todo mundo e eu não gosto.

(...) A questão dessa riqueza de materiais que a gente tem aqui na escola é na lógica que se existe verba então vamos utilizar essa verba escrevendo um projeto a gente precisa de verba pra isso, pra isso justificado e fundamentado e nunca deixou de vim, sempre veio e agora vai vim mais. E isso é em toda escola... não é porque é o Pedro II, qualquer professor que escrever um projeto e lutar por ele, e falar assim... olha preciso disso e sendo fundamentado, né. Dificilmente a Secretaria não vai disponibilizar essa verba, porque a verba volta por falta de projeto, então o professor tem que ser melhor informado e também lá na escola de educação física não se ensina isso, que existem os recursos e que ele vai se direcionar a esse órgão e assim que você vai pedir. O fato de eu ter trabalhado no setor administrativo me ajudou muito porque lá eu tive acesso as essas informações. Então eu não era mais uma professora só professora de educação física, eu era uma professora de educação física que conhecia a legislação educacional do Estado e... isso já te posiciona pra falar de igual pra igual, porque tem uma hierarquia acima de você que está lá pra te servir e não está lá pra te mandar, é essa ideia que a gente tem, e sou eu servindo o aluno né, e todos servindo a sociedade e acima de mim tem um órgão pra me servir. (...) E aqui na escola a gente da educação física dá muito trabalho mesmo... de exigir e querer, e fazer acontecer e nós somos respeitados e temos nossa espaço aqui, mas isso é uma luta. E hoje eu vivo uma situação aqui que se vai montar um projeto de da língua portuguesa ou de matemática... eu sou consultada. Por que eles tão vindo atrás de mim? Por causa da educação física? Não, por causa do conhecimento de como lidar com os alunos. E os professores me perguntam... como eu tornar o meu conteúdo mais sensível? (...) Aqui eu discuto com os professores de como os conteúdos podem ser trabalhados, assim... não é mais só aqui isso extrapola, até pais que vem pedindo ajuda pra ajudar o filho, e eu gosto disso, mas é pesado né, mas eu me formei pra isso com essa consciência de que é o meu trabalho e eu vou fazer, agora o dia eu achar, perceber que não dá mais e não dou conta... aí esse espaço eu deixo porque diminuir a qualidade dele, diminuir eu não vou deixar.

O processo de avaliação na educação física é constituído por diversos instrumentos avaliativos e utilizado de forma sistematizada no desenvolvimento das aulas. Em suas aulas, a professora compartilha a sua avaliação:

Eu tento perceber a forma que eles estão conduzindo a educação deles né, a prova é uma prova diagnóstica e se ele deixou de acertar uma questão... isso não é problema meu, eu sempre falo gente isso não é problema meu... isso é problema seu, se você tá com alguma dificuldade na compreensão dessa questão, na leitura ou na interpretação isso você tem que correr atrás. Aqui quando eu faço a prova, eu dou os indicativos por onde você tem que passar porque você vai ser cobrado lá na frente né. (...) Eu dou o direcionamento pra você se auto avaliar, e as provas são difíceis e ele vai se auto avaliar. (...) eles são avaliados sistematicamente, observação é feito... e tem esse momento relatar, que tem escrita e tem verbal e tempo do próprio diálogo comigo mesmo. E tem esse acesso de conversar... e eu observo muito mesmo a forma como eles estão na aula, na escola. (...) Eles tem a prova sistemática e conteudista sim, eles tem mas a decoreba nunca... e nunca eles fizeram uma prova que tiveram que decorar nada, sempre refletindo. (...) E a prova sempre vem um quadrado embaixo pra que eles reflitam e escrevam o que quiserem.

### **4.3 Participação e atuação da professora Cristiane Guieiro no PIBID**

A partir deste tópico, apresentarei todas as considerações realizadas pela professora Cristiane Guieiro, sobre o programa PIBID, especificamente as suas experiências em relação ao subprojeto PIBID Educação Física.

#### **4.3.1 As vantagens que os bolsistas adquirem com a participação e a inserção ao projeto PIBID educação física**

Ao questioná-la a respeito das vantagens para um aluno em formação que passa pelo programa, e sua opinião sobre a proposta deste projeto, Cristiane realiza uma comparação da proposta do programa com os estágios obrigatórios durante a graduação; aponta vantagens dos alunos que participam do projeto e a chance de amadurecimento das reflexões adquiridas no período da formação.

Bom eu acho que é um programa interessante pelo incentivo da iniciação a docência e é importante. E a gente sabe que os estágios obrigatórios oferecidos não é o suficiente e acabam sendo muito superficiais. E acho que o programa faz com que o licenciando tem um acesso mais efetivo... a escola, essa questão do planejamento e do envolver de fato o que que é o ambiente escolar, acho que ele cumpri muito mais com esse papel do que os estágios né. E realmente quem passa pelo PIBID tem essa oportunidade de vivenciar a escola de fato como ela é né, que a rotina de trabalho é grande e a carga horária também é grande, então você tem como

acompanhar mais. (...) Então quem chega nesse envolvimento diário ali com a escola já começa a perceber e abrir suas reflexões enquanto o que é escola e o que a universidade diz o que é a escola. Então ali já tem a oportunidade de amadurecer suas reflexões em relação a aquele aluno que não está inserido na escola e está só lá inserido no curso de licenciatura. E realmente essa entrada é um ganho, não tem como um bolsista chegar na escola passar em brancas nuvens, mas aí vai da características de cada um de se envolver. (...) Desta proposta da reflexão o que é escola atende bem, acho que não tem como você entrar, viver, analisar e não questionar e refletir aquilo que você viu ali. (...) E pra compreender o sistema você tem que está dentro dele, e esse sistema muda o tempo todo e impressionante como muda de um ano pra outro. E... seis anos aí que você fica na escola muda uma geração pra outra né, então e quem fica aí distante 10, 15 ou 20 anos fora e vai falar de escola... é complicado. (...) E essa oportunidade do licenciando ela é uma oportunidade também para os professores coordenadores do curso de licenciatura, de fato vivenciar. Então tem esse vínculo, e então são as duas partes ganha, os alunos da licenciatura, mas ganham os professores também.

Percebo que a professora Cristiane não aposta que os estágios obrigatórios sejam suficientes para o trabalho de qualificação para atuação docente. E analiso que por mais que os professores responsáveis pelos estágios esforcem para essa vivência prática, ainda vejo que ela é muito distante da cobrança de uma realidade escolar. Entendo perfeitamente a finalidade de cada estágio, porém a intervenção ela ocorre somente no estágio final que acaba sendo uma tarefa final no curso para um profissional que vai passar anos em uma profissão que exige muito além do cunho pedagógico. E que envolve uma relação com outras esferas no meio escolar e que ultrapassa a relação professor- aluno, e o tratar do conhecimento, ou seja, não é somente dar aula. E depois de vivenciar dois anos, em um projeto todo voltado para docência, discussões e reflexões de relevância no contexto escolar de um modo geral, acredito que esse aluno tem a chance de se qualificar melhor.

A partir das colocações, feita sobre a formação, o autor António Nóvoa (p. 7) diz em um de seus textos, que

A formação deve contribuir para criar nos futuros professores hábitos de reflexão e de auto reflexão que são essenciais numa profissão que não se esgota em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas, e que se define, inevitavelmente, a partir de referências pessoais.

Uma reflexão semelhante ao raciocínio colocado por Cristiane quando remete a importância das referências adquiridas nas próprias experiências e na inserção escolar.

O programa estabelece uma relação direta entre a escola e a universidade pela Faculdade de Educação FaE, e dentro de suas propostas e objetivos espera-se uma troca de conhecimentos e experiências, vantagens para ambas. Como você entende ou visualiza esse intercâmbio, na condição de mediadora do conhecimento dentro da escola para os bolsistas?

Como Pedro II assim ela já é uma escola muito organizada, e ela já tem o seu programa pedagógico e os professores são capacitados, e ela tem uma linha um pouco diferente das outras escolas públicas que a gente conhece. Apesar que todas deveriam fazer assim e não fazem. E aqui a gente tem reuniões anuais de capacitação, é uma reunião que todos os professores se encontram pra discutir questões da escola, do rendimento dos alunos, discussão do próprio sistema, dos projetos e são 21 reuniões de três a quatro horas e as reuniões são produtivas. Mas conheço que em outras escolas elas não são produtivas porque não entram nestas questões e sim questões pessoais... como salário, horário e... estas reuniões não são pra isso. O PIBID aqui como contribuinte aqui pro Pedro II na educação física não tem muito essa troca que é de lá pra cá, até mesmo porque eu não mantive longe da faculdade e distante do que era produzido e eu procurava manter contato com pessoas lá dentro e sempre procurei a estudar, então eu não senti a.. eu estou desatualizada e tá vindo um programa pra cá e vai me ajudar a atualizar... não. E no início aconteceu bem ao contrário né, e ...eu tive que mostrar que a educação física aqui funciona assim e foi tipo uma transferência mesmo e acho o que que vinha de troca, acho que é o reconhecimento de ter acesso de divulgar o que se passa aqui e dos bolsistas ao divulgar abrir discussões e reflexões sobre uma escola pública que trata a educação física de uma forma incomum que a gente vê por aí e isso no início foi uma troca interessante. E as pessoas ficam curiosas, tipo pra ver e visitar pra ver... então eu acho isso muito bom. E não to dizendo que o projeto é perfeito, mas as pessoas querem conhecer algo diferente e se é possível. E aqui a gente atende isso uma educação física pra essa escola, desenvolvida pra atender a realidade desta escola.

#### **4.3.2 Problemas recorrentes na atuação dos bolsistas nas aulas**

A seguir, a professora Cristiane como supervisora do projeto dentro da escola, menciona acontecimentos e problemas recorrentes na atuação dos bolsistas nas aulas. O que a faz refletir sobre a postura dos mesmos, e apontar algumas críticas a respeito das condições de preparo que esse grupo vem apresentando e construindo na sua fase de formação.

Olha isso tem gerado um problema pra mim de desgaste, porque entender a educação física realmente é processo confuso exige do bolsista e do professor um estudo que vai além do referencial bibliográfico da educação física... tem que correr atrás. (...) Então essa questão da elaboração dos projetos e da organização das aulas é difícil pra mim porque aí o papel que deveria ser da universidade, de ensinar como que se faz um projeto, o planejamento de aula, qual que é a postura que tenho que ter dentro de uma sala de aula. E aí já ultrapassa a questão do conhecimento, e se eles já viessem preparados pra isso né. (...) E o PIBID exige que eles tem que participar da construção do planejamento e tem que dar aula... e eu passo apertado porque não sabem fazer, então fica mais fácil eu sentar e fazer... do que eu sentar e ter que ensinar a fazer. E as coisas no Pedro II acontecem muito rápido, tem projeto que começa e já é pra semana que vem. (...) As vezes estamos em um planejamento de aula e acontece algo ali que dificulta o planejamento e aí acabou... a aula se desconstruiu porque o bolsista não tá preparado né, pra essa situação e não tem manejo de turma, não tem manejo de aula e de conteúdo e então a aula dele morre. Aí o que acontece... eu tenho que assumir uma aula que não era pra eu ministrar porque eu tava ali no papel de avaliadora. E a sensação que eu fico é de angústia e que são duas aulas aqui no caso, e ainda elas são geminadas e o que me angustia é essa inexperiência de quem vem, e essa falta de preparo pra sala de aula. E também tira do aluno aqui, um acesso a uma aula bem sólida e preparada. (...) Cada bolsista fica com uma turma... e uma turma o trabalho foi legal e o bolsista deu andamento, mas em outra, tem bolsista se perdeu e aquela turma ficou prejudicada. E o PIBID as vezes tem uma maneira um pouco fechada de encarar esses planejamentos né, nem todo o planejamento que a gente tem na escola ele vai... sabe e as vezes a gente organiza o planejamento pro bimestre inteiro, vai e organiza as aulas. E de repente acontece algo na escola que você não pode deixar passar ou uma excussão e essas coisas não são definidas lá no início do ano. (...) Então a gente precisa ser muito dinâmico. (...) E acho que essa falta do preparo né lá, dificulta muito o trabalho aqui, e muita inexperiência... e vamos extrapolar, até no conteúdo educação física eles chegam aqui sem saber fazer nada, sabem nada... então é complicado. Passando pelo ensino de eles tinham que chegar aqui e saber fazer bem feito pelo menos aquilo, mas não dominam. (...) Então aqui nós temos uma particularidade... não temos as quadras, aqui as práticas vão ter que voltar pras lutas, pra ginástica artística, ginástica rítmica e aí fica muito pior porque a experiência fica assim quase nenhuma. E aí aquela falta também da maturidade né, nem tudo que se produz lá né, e aqui funciona... não funciona, dentro da escola tem a adversidade e isso não é passado lá. Assim dentro da escola você tem ver várias situações, então vamos ensinar conteúdo de lutas tudo bem e tenho um aluno aqui que não tem perna. E como é que vou adaptar a aula pra ele... e a grande diferença é o seguinte, como é que vou incluir, e você tem que fazer uma aula que esse aluno dê conta de fazer de tudo e com todos, então você tem que montar um aula que ele se sinta realmente incluído e que aquela deficiência dele não fica apontada o tempo inteiro. (...) Quando os alunos vem dar aula aqui, eles não uma maturidade, eles vem com um programinha pronto de aula e tipo preciso despejar esse conhecimento e esse conteúdo. Eles não pensam nestes detalhes e não é ensinado pra eles lá na faculdade. E essa dinâmica da sala de aula ela não pode ser aprendida só quando você sair da licenciatura e caí na sala de aula não, e vai aprender na marra... não pode ser assim. Essa dinâmica já tem que ser ensinada lá... e quando você chega aqui você vai tomar aquilo que você tem de conhecimento mais aprimorado, e é a mesma coisa de colocar um advogado no tribunal pra defender um cliente sem ele saber nada, não dá. (...) e é o básico essa dinâmica de sala de aula, e o que você tem que se preocupar e o campo de raciocínio que tem que passar no planejamento de aula, isso tem que ser ensinado lá. (...) O que eu já vi lá... vamos fazer um plano de aula... o que ele tem que ter: introdução,

metodologia, justificativa objetivo, materiais e avaliação. Gente, isso é fácil, mais quais são as perguntas que tem que se fazer pra construir aquele plano de aula... né, qual é a faixa etária dos meus alunos? Quem são os alunos daquela classe? Existe algum aluno de inclusão? Por exemplo... tenho um aluno autista na sala, então eu tenho que estudar sobre autista pra eu saber como é que vou comportar com aquele aluno e compreender, e o tipo de desenvolvimento dele e que a avaliação dele não pode ser igual a avaliação do outro. Então... a gente tem que ter essa maturidade e essa sensibilidade também, então não é só o plano de aula. E uma coisa que eu acho assim... fundamental é vê se aquilo que eu propus ensinar pra ele, de fato qual é a importância que tem, é porque tá lá na lista que eu tenho que ensinar na educação física escolar ou porque tem alguma aplicabilidade, vai fazer diferença na vida daquele aluno aquele conhecimento? (...) hoje vamos dar aula de pular corda, tá, pra quê? Onde queremos chegar com isso aí? Onde que vamos fazer links de engajamento com outras situações e vai fazer com que o aluno tenha uma linha de raciocínio dentro daquela prática ali desenvolvendo. E não é contar qualquer história da prática de pular corda e depois pular corda, prática pela prática, então temos que buscar outros elementos e aí extrapolar a área da educação física. (...) Então está na escola e só dando a história daquela prática isso não é suficiente. Eu posso produzir uma aula usando da atividade de pular corda com intenção de produzir a afetividade, a alegria né, uma atividade aeróbica... então assim a gente tem que trazer os elementos pra ele entender, e dizer... o pular corda não é só uma brincadeira, o pular corda ele pode ajudar na perda de peso, podemos fazer o cabo de guerra que aí envolve a questão a força e dizer então que várias coisas estão envolvidas ali. (...) E aí desvaloriza a educação física? Desvaloriza gente... porque não faz sentido tirar o menino de sala de aula... e ele vai pular corda! Pra quê? Ou ele vai jogar um a bola ali, pra quê? Então o resto da escola entende que isso aí eles podem fazer lá fora e não dependem da escola pra fazer isso né.

Aluno meu nenhum depende de mim pra poder jogar bola, pra poder jogar queimada, eles dependem de mim pra poder mostrar pra eles e promover uma vivência diferenciada e refletir sobre aquilo ali, aí tem uma transferência.

A respeito da construção do planejamento são evidentes as falhas na formação dos bolsistas, que passaram por algumas disciplinas que poderiam ter aprofundado melhor na estruturação de planejamento de ensino e em unidades didáticas. No meu caso por mais que eu tive uma disciplina que tratasse o planejamento e planos de aulas, foi um trato mais superficial. E aprendi a desenvolver planos de aula, projetos de ensino, unidades didáticas e saber a diferença entre eles, foi na minha participação no projeto PIBID. Então o programa acaba servindo de aprendizado de conteúdos e instrumentos que deveriam ser melhores trabalhados na graduação.

Acredito que na condição de professora supervisora pode se sentir sobrecarregada por estar junta ao grupo de bolsistas na responsabilidade de sempre produzir e

apresentar algo. Uma vez que esse grupo esteja pouco preparado, a cobrança de um envolvimento e a disponibilidade acaba sendo maior. Lembrando que os bolsistas que se inserem no projeto são alunos do quarto período em diante, então o projeto é composto por estudantes de diversas experiências, o que talvez dificulte um pouco a construção e o andamento do trabalho.

Analisar e refletir sobre o despreparo dos bolsistas, percebe-se que essa situação é oriunda desde a dificuldade do trato do conhecimento à construção do planejamento e as suas finalidades. Como os bolsistas dariam conta, de atender as demandas que o estágio final do curso exige se não tivessem inseridos a um programa como o PIBID?

Imaginar em uma preparação que seja suficiente para atender a tantas demandas que vão além do dar aula. A maioria dos formandos no estágio final apresentam dificuldades na construção do projeto. E ainda estão sujeitos a realizarem os seus estágios com professores com concepções ultrapassadas e equivocadas com o trato do conhecimento da educação física. No caso aqueles profissionais que trabalham de uma forma tecnicista ou somente esportivizada, diferente do trato que aprendemos e discutimos dentro da universidade. Esse aluno estagiário corre o risco de se perder, em uma experiência que pouco irá atribuir de um conhecimento esperado.

O relato da professora Cristiane a respeito do envolvimento dos bolsistas em relação ao projeto, em todas as suas colocações percebe-se a inexperiência como maior fator de comprometimento no desenvolver do trabalho. Pontos como a falta de preparo para construção do planejamento, falta de maturidade ao desenvolver os conteúdos, o despreparo para lidar com as adversidades que surgem no ambiente escolar, situações que são bem apontadas pelo autor Tardif, em um de seus textos que fala sobre os saberes profissionais dos professores são plurais e heterogêneos+ ele argumenta que os saberes eles provêm de diversas fontes.

[...] Em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior; ele também se apoia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional; ele se apoia também naquilo que podemos chamar de conhecimentos curriculares veiculados pelos programas, guias e manuais escolares; ele se baseia em seu próprio saber

ligado à experiência de trabalho, na experiência de certos professores e em tradições peculiares ao ofício do professor. (p. 262 e 263)

As experiências e os saberes provêm de diversas fontes, e os adquirimos como o autor transcreve a partir de sua fala, através das vivências. O conhecimento é compartilhado por meio da escola, da universidade, e dos programas extracurriculares entre outros meios de formação. Acredito que participação em algum projeto extracurricular que explore a formação docente na prática, oferece ao aluno a experimentar melhor, errar e construir. Além de repensar a prática, a medida que as experiências e os desafios forem surgindo.

#### **4.3.3 As reuniões semanais na FAE e as críticas feitas em relação ao envolvimento dos bolsistas**

O PIBID realiza semanalmente a programação das reuniões de sexta feira, onde todas as áreas reúnem com seus coordenadores para dialogar e discutir as questões relacionadas ao projeto nas escolas. A seguir Cristiane questiona um pouco sobre essa organização, que muita das vezes é estruturada também pelos próprios coordenadores. Dentro das observações feitas e ditas ela apresenta algumas críticas aos bolsistas sobre o comprometimento com o projeto e o nível de envolvimento dos mesmos, com área da Educação Física.

As reuniões de sexta são tantas coisas... palestra pra assistir, discutir sobre isso, sobre aquilo e essa parte de planejar em conjunto fica comprometida. E planejar em conjunto na escola é impossível, porque professor não tem essa hora de sentar ali e planejar mesmo na hora de estudo, porque toda hora você é retirado dali pra sanar algum problema e resolver alguma coisa. Então eu tenho tido essa dificuldade e o grupo também, e o certo seria utilizar as reuniões de sexta pra isso... e aí se fechou lá na sexta, durante a semana nos vamos executar e na outra semana vamos comentar o que deu certo e o que não deu certo. Mas até hoje nenhuma sexta feira a gente conseguiu fazer. Com os bolsistas a gente distribui os temas e vamos trabalhar esses conteúdos, e cada uma tem buscado quase que sozinhas como vão tratar. Assim eu faço o básico... e o que eu espero e que tá muito relacionado com a questão da proatividade né, que a universidade não incentiva muito isso não. Então elas estão aqui e estão lá e vão ministrar uma aula de ginástica aeróbica, e se não tem conhecimento suficiente ok, então vou correr atrás dos meus professores lá né, e elas não tem feito isso. Os meus bolsistas não tem feito isso, e não estão usando aquele espaço lá pra atuar aqui. Aí é culpa do próprio sujeito de informação que ainda não percebeu que ele é responsável também pela formação dele. (...) Então a

parte pesada da formação deles é com os professores da universidade e eu sou responsável pela formação dos meus alunos aqui. E alguns professores supervisores do PIBID tem reclamado isso que agora ficou a cargo formar também. Agora o acadêmico não, o acadêmico ele forma lá né, e a gente forma aqui na educação básica. (...) Infelizmente percebo que os bolsistas se comportam como alunos, então acabam que a postura deles, não diferem da postura dos meus alunos do ensino médio. E ainda mais que as idades são pouco próximas, a forma deles se comportarem não se diferem tanto dos meus alunos. Acho que falta um pouco de profissionalismo nessa questão da licenciatura, e desmitificar né, que essa palavra mercado né, parece que essa palavra preparar pro mercado virou pecado né lá. (...) Então você tá formando professor, você tá formando profissional da área, e exigências da profissão tem que ser preparado lá. E as vezes a minha dificuldade é essa... como é que a gente vai caminhar se as linguagens são diferentes?! (...) Os estudos dos bolsistas ficam assim muito condicionado ao que eu vou mandar, então falta mais interesse da parte deles pelos estudos autônomos né, e pensar em grupo... gente nós não vamos depender da Cris o tempo inteiro mandar estudar isto. (...) Agora com o PIBID os bolsistas pegaram o projeto em reconstrução diferente daquele de três anos atrás né. Agora você dá uma aula e sai frustrado... nossa não aconteceu do jeito que eu imaginei. E se tá incomodando... ótimo porque ajuda a refletir o que é que vou resolver, o que não pode é acomodar.

Percebe se que a sua expectativa em relação ao tempo nas reuniões sejam voltadas para atender as demandas do grupo no que se refere a estrutura do planejar e ao tempo de encontro entre todo o grupo, uma vez que dentro da escola os bolsistas não se encontram todos os dias. O que pode acarretar o acúmulo de tarefas seguido da falta de proatividade por parte do grupo, e a dificuldade acaba sendo empecilho para a construção.

#### **4.3.4 O que falta no programa e sugestões ao projeto**

Ao questionar a professora na sua condição de supervisora e envolvida na valorização da formação, e na promoção de iniciação à docência, em sua opinião o que ainda falta no programa?

Cristiane em sua fala, com muita propriedade aponta sugestões de extrema relevância para a divulgação não somente do programa, mas para a divulgação da licenciatura. De maneira ampla, na perspectiva de uma oportunidade de mostrar a escola formadora um método voltado para a situação real de um trabalho escolar.

O programa entrar nas unidades, o PIBID é um programa da FAE e não um programa da UFMG. E ali o PIBID é muito reconhecido pra os PIBIDs do resto do país, mas só pra esse grupo. Então é isso que tá faltando a valorização do PIBID nas unidades, então propor pelo menos uma das

sextas feiras deverá ser nas unidades... na educação física, cada um no seu prédio. (...) então esse grupo representa quem está lá aqui na escola. (...) Então o PIBID precisa de ocupar o seu espaço e se valorizar. Mas eu acho que esse vínculo pode ser maior e os bolsistas tem condições de fazer isso pelo menos uma vez por mês. E vem um grupinho de cinco alunos e nós vamos responder, tirar as dúvidas e dar acesso aos outros estudantes de lá. (...) Tivemos uma reunião lá na FAE e que falaram muito da dificuldade da aceitação do PIBID na escola pelo corpo docente ou pela direção. (...) E pessoal falando porque o PIBID é pouco divulgado nas escolas, e o pessoal não valoriza a gente. Então eu fui observando e perguntei e falei... gente tem doze anos que eu trabalho no setor administrativo do Estado e eu sou responsável por esse vínculo entre a informação que vem do órgão central pra a direção da escola. Então o que não é secreto da Secretaria de Educação e que ela precisa fazer com que a informação chegue na direção... passa por mim e eu repasso pra escola. E dentro destes doze anos, e desde a existência do PIBID eu ainda não vi nenhum comunicado oficial da Secretaria de Educação falando sobre esse programa PIBID nas escolas, por quê? Aí eles me responderam que ainda não tem esse acordo sistematizado, aí eu disse peraí... vocês estão dentro das escolas do Estado e ainda não acordaram isso oficialmente dentro da Secretaria da Educação? Adentraram só porque é público pra público, e momento algum vocês sentaram com a secretária da educação que foi reitora dessa universidade, e apresentaram a proposta e pedir ao Estado pra viabilizar e ver como é que a gente pode tornar isso maior. E colocar no Estado um curso de capacitação pra dar uma ênfase... e não teve isso. (...) Ah... não eles nunca receberam a gente, aí eu perguntei mas você foram até eles e pediram esse espaço? Aí o Charles até riu e disse... mas esse povo é muito ocupado pra nos receber... e eu disse não é não Charles, não é não, e esse pessoal tá lá pra isso. A secretária atual era reitora daqui, e vocês acham mesmo que ela vai negar um espaço pra faculdade que tem a nota sete na CAPES, acha mesmo que ela vai negar? (...) E o PIBID pelo que percebi de fato ele estar institucionalizando ainda e ele tá agora criando um regimento e nós estamos participando da construção dele. (...) E tem essa ideia, e não existe essa distância do órgão central das unidades da secretaria da educação, das escolas e instituições como a UFMG... não tem não. É o próprio sujeito que acha que tá distante, mas não tá não. E eu entro lá e saio de lá a hora que eu achar necessário.

O programa PIBID ainda é pouco conhecido na faculdade, inclusive pouco conhecido pelos estudantes de licenciatura, apesar de alguns já ouvirem falar, mas de fato não sabem como funciona na universidade e nas escolas, e as vantagens que ele pode oferecer. Por mais que os editais são divulgados, não tem uma boa visibilidade na nossa escola de formação. Acredito que apresentá-lo à nossa escola de educação física com intuito de compartilhar as experiências e os trabalhos desenvolvidos dentro das escolas, iria valorizar não somente o projeto PIBID educação física, mas a licenciatura como área de conhecimento. Concepções apoiadas, nas palavras de Nóvoa (pag.3) que acredita na formação de professores alicerçada na busca de um diálogo entre a escola juntamente com profissionais experientes:

Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão.

E com objetivo de incentivar aos demais alunos a participarem do programa, porque a maioria das vezes quando ocorre seleção de bolsistas, poucos são os inscritos.

Pensar em uma divulgação que seja eficaz, inserindo o programa e sua apresentação de maneira que ele promova um melhor reconhecimento da própria licenciatura.

#### **4.3.5 Reflexões sobre a valorização da licenciatura e do projeto PIBID**

A seguir Cristiane reflete sobre a valorização da licenciatura e o seu posicionamento dentro da escola de formação. E uma de suas críticas, começa pelo trato da área dentro do programa PIBID, então ela menciona acontecimentos ocorridos em eventos que em sua concepção o gerou angústia pelo descaso ao programa e aos trabalhos desenvolvidos na área da educação. Em seu relato ela apresenta ideias para criação de novos projetos na faculdade visando contemplar aos alunos que não fazem parte do programa PIBID, ou que de alguma forma, não tiveram a oportunidade de se inserir, mas que através dos bolsistas do projeto, eles possam ter acesso ao trabalho e visitas à escola para acompanhar de perto a prática docente.

A licenciatura precisa se posicionar pra obter a sua valorização e não esperar que essa valorização venha de fora, e se o PIBID já entrou na escola com essa proposta de inserção né, e agora tá abraçando essa causa da valorização da licenciatura eles também precisam repensar a forma que eles tratam a escola lá na FAE. E a gente ouve falar que os cursos de pós graduação tem nota sete a nota máxima da CAPES, tá beleza. Então porque que não jogam essa exigência do mestrado e do doutorado pra graduação? E isso que quero entender... que lá no mestrado e no doutorado esse nível é altíssimo, e a única faculdade de educação que tem nota sete, e por que que na graduação não é a mesma coisa? (...) A semana do conhecimento deste ano, enquanto o pessoal da iniciação científica estava lá naquele CAD todo bonitão né, e aonde foi cair o pessoal do PIBID... lá no segundo andar da biblioteca... já demonstrou a desvalorização da licenciatura. Na hora que eu cheguei e vi os meninos escondidos, num lugar cheio de mofo, escondido e no escuro. E nem iluminação tinha direito, e ninguém nem via os trabalhos direitos e os únicos que tava ali pra ver os trabalhos do PIBID eram os próprios pibidianos. E eu coloquei pra minha coordenadora depois de forma até debochada. Pois abriram um diálogo

entre os coordenadores pra tratar a questão da valorização da licenciatura, e eles já começam a pecar pela semana do conhecimento... aceitar aquele espaço... é aí que eles deveriam a se posicionar, per aí... é aquele lugar que vocês me deram para ocupar... então não vamos participar da semana do conhecimento... mas vocês são obrigados. Somos obrigados com dignidade, então essa postura mais revolucionária... que faz avançar. Então a postura do PIBID falhou.

Eu acho que esses trabalhos dos PIBIDs eles tem se concentrado muito na FAE, essa divulgação não tem acontecido nas unidades, e acho que tá na hora de não só estes trabalhos que é feito aqui, mais lá. Falta os bolsistas junto com os coordenadores começarem a fazer eventos lá (escola de educação física), então nós vamos levar pra lá as nossas experiências, e produzir grupos de estudos e debates lá, explicar como funciona, o que acontece nas escolas, contar como acontecem as coisas aqui, e que somos um grupo e somos bolsistas na área. (...) Sugerir as meninas que estão aqui pra elas terem este espaço lá, e nós vamos fazer uma oficina no Pedro II e com inscrição pra 10 graduandos aqui da licenciatura para vocês vivenciarem um momento aula com a gente lá. Mas esse vínculo pode ser maior e os bolsistas tem condições de fazer isso pelo menos uma vez por mês. E vem um grupinho de cinco alunos e nós vamos responder, tirar as dúvidas e dar acesso aos outros estudantes de lá. Aqui a gente é aberto pra isso inclusive pra preparar o grupo que chegar e auxiliar como funciona. Até porque montar aula e dar aula lá entre vocês isso é muito fácil.

A partir das colocações citadas pela professora, considero que a licenciatura precisa aprimorar melhor a sua formação, enquanto prática docente, trabalhar mais o incentivo dos alunos na busca de mais experiências com a prática, além de promover um diálogo e contato maior com a escola. É notável esse questionamento na fala da professora e nas reflexões do autor Tardif *apud* (WI-DEEN *et al.*, 1998) quando reflete a respeito dos cursos de formação para o magistério, que são idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento, ele diz:

[...] os alunos passam um certo número de anos a assistir a aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proposicionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para %aplicarem+ esses conhecimentos. Enfim, quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, que na maioria das vezes, que esses conhecimentos proposicionais não se aplicam bem na ação cotidiana. (p.270)

A sugestão de uma divulgação efetiva e com maior visibilidade do programa PIBID nas escolas de formação, sem dúvidas é parte da realização de um trabalho final, na perspectiva de apresentar aos alunos dentro da faculdade o que realmente é realizado nas escolas e como tudo acontece. Compartilhar através de questões mais pertinentes da nossa área, na finalidade de valorizar e qualificar a profissão docente. E acredito que parte dessa qualificação, adquirimos nas discussões e na troca de

experiências, o que permite ressignificar conceitos a cerca do fazer e do fazer e do saber.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que através do diálogo e de discussões temos a chance de criar novos conceitos, e refletir sobre a nossa conduta em relação à prática. Ao entrevistar a professora Cristiane Guieiro tive a oportunidade de primeiramente aprender muito e refletir sobre inúmeras questões que a meu ver, pouco pensado e discutido em nossa formação. Além de alguns de seus relatos me identifiquei e concordei com muitas de suas críticas a respeito da formação docente.

As considerações a partir deste estudo me fez refletir o quanto a formação de professores carece de investimento que vai além do conhecimento de conteúdos, e sim uma construção de saberes que são aprimorados com decorrer de anos, mas que devem ser desenvolvidos ainda em formação, e pensado como preparo para a inserção no contexto escolar, e na prática o quanto antes.

Avaliar e analisar a participação dos bolsistas no programa PIBID Educação Física, realmente existe as vantagens na formação dos mesmos, por todo trabalho desenvolvido e pensado sobre a organização pedagógica, o trato do conhecimento e a sua prática. E a minha experiência e participação no projeto durante dois anos, enriqueceu e me fez crescer no processo de formação, e na minha concepção foi o grande passo para seguir e me aprimorar. Aponto os ganhos nesta participação por meio de ações, como: a oportunidade de ser regente de uma turma; produção de projetos de ensino e desenvolvê-los; diálogo com os alunos; o trato do conhecimento através de muitas discussões com o grupo e com as professoras; leitura e estudo de textos e de artigos como fonte de inspiradora para as intervenções; reflexões a respeito da prática semanalmente; adequação do modo de agir com funcionários; perceber os problemas de uma escola e saber analisá-los, a postura em uma escola e além de inúmeros acontecimentos que talvez em poucos encontros em um estágio, poderia passar despercebido ou não trabalhado. A comparação que faço entre o estágio e o programa é justamente pela diferença que existe entre ambos, o programa não tem a mesma proposta dos estágios, as diferenças estão nas demandas e objetivos a serem cumpridos e alcançados. E em minha opinião o programa oportuniza e aproxima o formando ainda mais da realidade docente.

O programa é recente na área da Educação Física e tem muito a crescer e aprimorar, e o seu objetivo principal é qualificar a formação docente. E através deste trabalho os estudantes terão a chance de esclarecer e problematizar inúmeras dúvidas e vivenciar a prática.

O relato da professora supervisora do projeto PIBID Educação Física apresenta situações e observações que foram compartilhadas sobre as suas experiências desde o início da formação e que foram questões apontadas de muita relevância e que pode ajudar a pensar, refletir e acrescentar em todas as demandas, esclarecer dúvidas, formar opiniões a partir dos pontos abordados.

O meu trabalho foi construído e baseado no depoimento de uma professora que preocupa com a formação de seus alunos na educação básica, investe no conhecimento, e assume seu papel na educação. E foi de grande valia a oportunidade que a professora Cristiane Guieiro me concedeu, contribuindo com suas ricas reflexões e experiências. E como professora supervisora do projeto PIBID Educação Física percebi que está sempre envolvida nas questões que reflete sobre a formação dos futuros professores, no amadurecimento profissional e levando o seu trabalho a sério no qual são umas de suas funções no projeto PIBID Educação Física.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Relatório de Gestão da Diretoria de Educação Básica Presencial/PIBID/2009-2011.** Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/imagens/stories/download/bolsas/DEB\\_Pibid\\_Relatorio-2009\\_2011.pdf](http://www.capes.gov.br/imagens/stories/download/bolsas/DEB_Pibid_Relatorio-2009_2011.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa institucional de bolsa de iniciação à docência detalhamento do subprojeto Educação Física (Licenciatura).** Belo Horizonte, 2012.

Dq AVILA, A. P. F.; COELHO, G. B. A contribuição do PIBID na formação do licenciatura em ciências sociais: uma análise sobre essa política. In: ENCONTRO INTERNACIONAL PARTICIPAÇÃO, DEMOCRACIA E POLÍTICAS PÚBLICAS: aproximando agendas e agentes, 2013, UNESP, Araraquara (SP) Pelotas. **Anais... UFP.** 2013. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/Home/Pesquisa/GruposdePesquisa/participacaodemocraciaepoliticaspUBLICAS/encontrosinternacionais/pdf-st11-trab-aceito-0176-6.pdf>> . Acesso em: 23 fev. 2015.

DESLAURIERS, J.; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 147.

FARIA, L. N. de. **Os impactos do PIBID na formação docente dos licenciados em Educação Física.** 2014. 88 f. Monografia - (Educação Física Escolar) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FINCK, S. C. M. **A educação física e o esporte na escola: cotidiano, saberes e formação.** 2 ed. 2008.

GHEHDIN, E. *et al.* Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 162-163.

GUIMARÃES, Cristiane Guieiro. **Cristiane Guieiro Guimarães**. Belo Horizonte, 2014. Entrevista concedida a Vanessa Martins Viana.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas: São Paulo: EPU, 1986. p. 25- 38.

NÓVOA, A. **Professores**: Imagens do futuro presente. Lisboa. Educa, 2009. Disponível em: <[http://www.etepb.com.br/arg\\_news/2012texto\\_professores\\_imagens\\_do\\_futuro\\_presente.pdf](http://www.etepb.com.br/arg_news/2012texto_professores_imagens_do_futuro_presente.pdf)>. Acesso em: 8 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista Educacion**. Lisboa, Portugal. Disponível em: <[http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf)>. Acesso em: 08 jun. 2015.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: \_\_\_\_\_. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 217.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 262-263; 270.

LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 51.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Educação. PIBID. Histórico. Apresenta o histórico do PIBID na UFMG. Disponível em: <[http://www.fae.ufmg.br/pibid/?page\\_id=18](http://www.fae.ufmg.br/pibid/?page_id=18)>. Acesso em: 30 ago. 2014.